O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 20 DE JULHO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:486

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Valle do Vouga.—Denegação de justiça.—Os ultimos decretos.—Contrastes.—Tratados de commercio.—Escandalos.—Noticiario.—No tribunal da opinião.—Conselheiro José Luciano de Castro.—Barão de Massarellos.—A ceramica portugueza.—Cousas de Moçambique.—O juiz do povo.—Folhetim: Magdalena.—A misericordia e a verdade.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Secção historica.—Secção agricola.—Parte litteraria.—Carta de Lisboa.—Carta de Coimbra.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

Valle do Vouga

E' assumpto de capital importancia para esta vasta circumscripção o que em artigo de fundo tractava o *Diario Popular* de hontem, e porisso o transcrevemos sacrificando-lhe com prazer a materia destinada a este logar.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

O projecto estudado para esta nova e importantissima via ferrea, consta d'uma linha principal, que partindo de Espinho, proximo á estação do caminho de ferro do Norte, vae terminar em Vizeu, na estação do caminho de ferro de Santa Comba; e do ramal de Aveiro, que saindo d'esta cidade, encontra a linha principal nas proximidades de Sever do Vouga.

Varios valles existem na direcção da linha principal sendo sem duvida os mais importantes os dos rios Antuan e Caima, affluentes do Vouga, e o do proprio Vouga, separados por montanhas importantes sobre a primeira das quaes está situada S. João da Madeira e a segunda prolonga-se desde Oliveira de Azemeis até Albergaria-a-Velha.

Como Vizeu se acha na bacia hydrographica do rio Dão, foi necessario attingir uma cumiada mais elevada que as anteriores entre o rio Vouga e Vizeu sobre o prolongamento da montanha do Caramullo.

Como dissemos, além d'estes valles e montanhas principaes, encontra-se uma infinidade de linhas d'agua e contra-fortes bastante salientes nas vertentes do Caima e do Vouga, o que torna a linha de Espinho a Vizeu algo accidentada em metade do seu percurso.

O estudo da linha principal foi dividido em tres secções, a 1.ª parte de Espinho e termina no Caima; a 2.ª desde a margem esquerda d'este rio até ao rio Vouga, em Pedre; a 3.ª de Pedre a Vizeu. O terreno da primeira secção é sem duvida o melhor, se bem que na sua ultima parte tem as duas obras mais importantes de toda a linha: os viaductos metallicos dos Valles de Perdizes e Rojal.

A subida de Espinho até S. João da Madeira faz-se em magnificas condições de planta e de perfil longitudinal sendo diminuto o movimento de terras e não havendo em toda a extensão 24457,^{m}11 obra alguma de importancia a fazer. A partir de S. João da Madeira o traçado desce para atravessar a ribeira d'Ul (affluente do rio Antuan), sobre uma ponte de pedra de 35,^{m} de vão, tornando em seguida a subir para se approximar de Oliveira d'Azemeis. Depois de ter atravessado o rio Antuan sobre uma outra ponte do mesmo vão da anterior, no sitio chamado *Porto de Carro*, o traçado s be para se approximar da Branca, situada perto da cumiada e a uma cota de 223,^{m}256. Entra em seguida no valle do Caima, descendo continuamente ao maximo até este rio que passa a uma cota de 22,922 sobre uma ponte de 5 arcos de 20,^{m}0 de vão. E n'este ponto que termina como dissémos, a primeira secção cuja extensão é de 58.189,^{m}65, sendo 33912,^{m}27 em alinhamento recto e 24277,28 em curva. O raio minimo das curvas é de 80^{m} que mui raras vezes foi empregado. Com relação a perfil as condições são tambem muito boas, pois que sendo a extensão dos patamares de 10339^{m}46 a das rampas maximas é apenas de 7106,^{m}27.

A 2.ª secção tem um comprimento de 21249,^{m}24. E' esta a parte mais difficil da construcção em consequencia das numerosas e importantes linhas d'agua e dos correspondentes contra-fortes que se encontram. Todavia vae começar-se em breve o estudo d'uma variante, que reduzindo de cinco ou mais kilometros a extensão da linha, ha de melhorar muitissimo as condições de traçado. A terceira secção, começa, como dissémos, na margem direita do Vouga, que a linha atravessa sobre uma ponte de 5 arcos de 20,^{m}0 de vão e á cota de 13,^{m}673. Em seguida para attingir Oliveira de Frades que está á cota de 336,^{m}543 é necessario subir immediatamente com a inclinação maxima. N'esta rampa estão projectados dois tunneis um de 114^{m} sob a montanha de Cadavaes e outro menos importante de 59^{m}. Tambem se encontra uma linha d'agua importante, o Caia, que corre n'um valle bastante profundo sobre o qual se projectou uma ponte de 3 arcos de 20,^{m}0 de vão. A partir de Oliveira de Frades o traçado desce até ás Thermas da Rainha D. Amelia conservando-se em patamar até ao rio Riba Má que atravessa sobre uma ponte de 3 arcos de 20,^{m}. E' n'este ponto que começa a ultima rampa até á cumiada de Monsellos cuja altitude é de 542,^{m}17, descendo em seguida sem difficuldade alguma para Vizeu, que se acha á cota de 451,^{m}67. A extensão total d'esta secção é de 59803,^{m}44.

O ponto de partida do ramal d'Aveiro fica situado dentro da cidade, na praça do Cojo, seguindo para a estação do caminho de ferro do Norte, tendo atravessado este caminho de ferro em passagem superior metallica. Dirige-se d'ahi para Eixo sem difficuldade e depois para Almear encontrando os rios Arrujo e Agueda que atravessa em pontes metallicas de 90 e 50^{m} e de Almear vae até ás Mouriscas descendo ao Carvoeiro depois de atravessar o Vouga sobre um ponte de pedra, a mais importante de toda a linha, com 7 vãos de 20 metros. A extensão total d'este ramal é de 31418,40 e a sua construcção relativamente facil. A linha comprehendendo o ramal tem pois uma extensão de 170 660^{m},83; porém depois das variantes que ha a estudar a sua extensão deverá ficar reduzida a 165 k. o maximo.

Teve-se sempre em mira no traçado d'esta linha, approximal-a quanto possivel das villas que pretendem servir. Assim na 1.ª secção projectaram-se estações em Espinho, Villa da Feira, S. João da Madeira, Couto de Cucujaes, Oliveira d'Azemeis, Travanca, Carvalhal e Valle Maior; e apeadeiros em Paços de Brandão, S João de Ver, Bemposta e Branca. Na 2.ª secção tem a estação de Carvoeiro (terminus do ramal) Sever e Couto de Esteves. Na terceira secção as estações de Oliveira de Frades, Vouzella, Thermas da Rainha D. Amelia, S. Pedro do Sul, Bodiosa, Oliveirinha e Vizeu, bem como os apeadeiros das Maias, Souto, Mossamedes e Mouzellos.

No ramal as estações de Aveiro, Eixo, Mourisca e Carvoeiro que é commum á 2.ª secção, e o apeadeiro de Almear. Em Espinho e Aveiro foram projectados trottoirs com um pequeno abrigo para o serviço de passageiros e linhas de transbordo para as mercadorias, em face das estações do caminho de ferro do Norte.

As estações propriamente ditas de Espinho e Aveiro teem cocheiras de carruagens, rotundas para machinas, e caes de mercadorias. Ao longo do canal do Cojo em Aveiro, projectaram-se linhas especiaes para o serviço maritimo, que ha de ter uma importancia grande para esta linha, seguindo uma disposição analoga á empregada no porto de Dieppe.

Em todas as estações adoptou-se uma disposição muito conveniente para o serviço mixto e hoje com grande vantagem applicada nos caminhos de ferro da Corsega em que se supprimem por completo as placas rotatorias e movimentos braçaes sendo todo o serviço feito por tracção mechanica. Evita-se d'esta fórma a grande demora dos comboios mixtos nas estações, o que com o antigo systema os tornava insupportaveis para os passageiros. Todas as manobras se fazem por mais complicadas que sejam, em poucos minutos.

A largura da via é de 1,^{m}0 e será construida com carris *bull headed* de 22k 803 e coxins de 10k. Empregar-se-ha a via com coxins apezar de ser mais cara, pois que com travessas de pinho, unicas que o paiz possue, o carril Vignole não poderia proporcionar uma linha sufficientemente resistente, como a que se pretende obter, para poder ser percorrida com uma velocidade de 40 k. por hora pelo menos, a fim de reduzir quanto possivel a duração do trajecto entre Espinho e Vizeu. O material circulante será articulado, pois é o que melhor se adapta ás curvas de pequeno raio como as empregadas n'estas linhas de largura reduzida.

A defeza kilometrica, comprehendido o material circulante necessario para um movimento de quatro comboios diarios em cada sentido na linha principal, não deverá exceder réis 15:000$000. Parece-nos esta empresa muitissimo vantajosa para os capitaes que n'ella entrarem e embora saibamos que ha um grupo francez disposto a entrar com todo o capital necessario para a construcção, seria para desejar que o capital das acções réis 630:000$000 pelo menos ficasse todo em mãos de capitalistas portuguezes que não devem perder a occasião de fazer um excellente negocio.

Denegação de justiça

Na Escola medico-cirurgica do Porto, veem-se dando, de ha tempos para cá, os factos mais extraordinarios de que ha memoria.

Reprovou-se um alumno do 3.º anno medico, depois de o ter feito repetir no 2.º a cadeira de que mais estudara durante o anno.

Para o impedir da nova prova, para o forçar á perda d'um anno mais, desceu-se alli, no anno findo, á baixeza de sonegar o documento em que a estação superior tinha que basear a necessaria auctorisação. Morta a esperança de que se nutria o odio mais profundo de que até hoje foi capaz o espirito humano, restava a consolação final da reprovação citada, que deixou de ser uma ameaça permanente para se tornar n'um instrumento de vinganças pessoaes, n'um flagello de vilissima significação carniceira, n'um attentado covarde contra as formulas da justiça, e n'uma anomalia que desbonra a auctoridade e infama o principio augusto do direito e da razão.

Mas não é tudo. A victima comprehende toda a monstruosidade do ataque, e, ferida na mais sagrada das suas aspirações nobilissimas, repelle a agressão, e desaggrava-se da affronta.

Forma-se o tribunal inquisidor da escola, que substitue por um julgamento irrisorio os tribunaes judiciaes, que passa as attribuições dos juizes de profissão para uns pobres bachareis em philosophia, e condemna-se o estudante perseguido para satisfação das mais ridiculas vaidades pessoaes!

Auctores e juizes, partes e julgadores ao mesmo tempo, na escola onde estão homens de consciencia honesta, ha tambem d'estas baixas aberrações!

Perguntamos aos primeiros se o desforço miseravel da condemnação redimiu alguem da desauctoração soffrida, e respondemos por elles aos segundos que não, certamente, porque apenas se satisfez a vontade pusilanime d'um homem! Não, certamente, porque apenas se coroou a imposição boçal de uma tutoria vergonhosa!

Consumou-se unicamente um escandalo. Mas a expulsão é para nós, como para toda a gente, a sentença que absolve o estudante para condemnar unicamente os sabios que a subscreveram.

Contra o que mais se revolta agora a opinião da velha cidade liberal, no entretanto, é contra o arbitrio, sem precedentes na historia de todos os arbitrios, que alli se está praticando.

O estudante não sabe officialmente a pena em que o condemnaram. Requereu por isso certidão da deliberação do conselho, e a direcção da escola, entregue a um homem que nem medico é, recusa terminantemente o deferimento.

Nós sabemos porque, e havemos de dizel-o para edificação das gentes.

Mas que fórma é essa de proceder? Pois condemna-se alguem á pena ultima d'uma lei que resurge em scena com processos que foram sempre um attentado á justiça, e nega-se ao *réu* o conhecimento da condemnação? Não póde ser.

O arbitrio vae assim mais longe do que nos velhos tempos do Santo Officio.

Para o facto chamamos, pois, não só a attenção do sr. ministro do reino, que não póde deixar de tomar as providencias precisas, mas a da imprensa nobre e digna do paiz, que ha-de por certo secundar-nos n'esta campanha do dever.

Os ultimos decretos

Vão produzindo os seus naturaes effeitos, os decretos ultimamente publicados com relação á nova divisão concelhia e comarcã.

O paiz prepara-se para responder por fórma energica ao repto do governo, que é quanto ha de mais despotico e de mais attentatorio dos sagrados direitos dos cidadãos.

Por toda a parte se levanta já a reacção, que começa a incommodar os governantes e que ameaça mesmo mais alguma coisa. Valha-nos isso, ao menos, para que se não diga lá fóra que o paiz perdeu as noções do brio e da dignidade; que somos, emfim, um povo de poltrões, que qualquer emprezario de governos maneja á sua vontade.

O seguinte telegramma, e outros que a falta de espaço nos inhibe de publicar, diz do modo de exaltação em por que o espirito publico se encontra por esse paiz fóra:

Cerveira, 18.—Reuniram-se novamente o commercio e a industria nos salões da Assembleia. Fallaram varios oradores, sendo todos muito applaudidos. Estreou-se o dr. Belmiro Braga, fallando energicamente. Foram tomadas resoluções importantes, entre as quaes officiar á Associação Commercial do Porto, pedindo a sua intervenção contra a extinção da comarca.

Continúa a indisposição geral. Além da policia, consta que vem força numerosa de caçadores 7 e infanteria 3.

Espera-se concorrencia extraordinaria ao comicio de ámanhã. Prepara-se grande recepção. Houve enthusiasticos vivas ao povo de Cerveira, á integridade da comarca e ao dr. Queiroz Ribeiro, A auctoridade administrativa, cordata e correcta, tenta acalmar a agitação.

Contrastes

Um telegramma de Genova, annuncia que o esculptor Monteverde concluin já o *molde* da estatua colossal da Liberdade, encommendada pelo governo do Pará para uma das praças da sua capital. Tem vinte metros de altura, incluindo o pedestal, e foi adjudicada em concurso, a que concorreram artistas de muitas nações, por duzentos e setenta mil francos. N'uma columna de bronze assenta a estatua colossal da Liberdade; no sóco da estatua a figura da Historia traça uma data n'um livro que lhe é apresentado por uma creança. Estas figuras são de uma grande expressão, accrescenta.

Aqui, no nosso pobre Portugal, a estatua da Liberdade, que tanto sangue custou a edificar, derribou-a o pulso vigoroso dos modernos Cabraes da situação, para quem já nada resta de respeitavel sobre a terra.

Cospem-lhe então insultos sobre as ruinas no supremo desprezo dos ebrios sem pudor, como quem cospe uma injuria sobre o cadaver de um morto venerando.

Como no monumento genovez, a Historia aqui ha-de tambem traçar no seu livro o nome dos heroes e a data dos seus feitos.

TRATADOS DE COMMERCIO

Sobre o assumpto, o *Diario Popular* escreve o seguinte:

Outro dia noticiaram os jornaes, que fôra assignado o tratado de commercio com Portugal e a Russia, facto com que folgamos, observando-nos, porém, o direito de apreciar as disposições do tratado. Outros se tornam urgentes e os recommendamos ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, como sendo de extrema necessidade. Um facto vamos apresentar a sua ex.ª demonstrando a necessidade de chegarmos com os Estados-Unidos a um accordo rasoavel.

Todos sabem, que temos abundantissima producção de sal bom e barato, cuja sahida para exportação e cujo preço tem declinado por diversas causas, entre as quaes se conta a producção indigena no Brazil. Ora os Estados-Unidos consomem bastante sal europeu, mas geralmente proveniente de Italia e da Hespanha, que em virtude dos seus convenios commerciaes com os Estados-Unidos não pagam sobretaxa na importação d'aquelle genero na grande republica norte americana. Portugal está excluido d'este commercio, aliaz facil, tantos são os navios que annualmente veem dos portos americanos a Lisboa com trigo, porque o sal portuguez paga a sobretaxa com a qual não póde, conforme vamos demonstrar.

SAL EXPEDIDO DE LISBOA

165:600 litros de sal a granel a 1$400 réis por 828 litros (maio)	280$000	
Certificado consular	3$250	
Premio de seguro	5$000	
Frete a 1$000 réis por tonelada em 133 toneladas	133$000	
Total	421$250	
LIQUIDAÇÃO		
4:350 bushels de sal a 12c	522	
direitos sobre 325:934 libras a 0,8c por 100 libras	260,75	
	261,25	
Despezas na alfandega	5	
Commissão 5 0[0	13,06	18,06
Dollars	243,19	
Ao cambio 4,86 dollars por libra, libras 50,0,9		
Ao cambio de 42 1[2	282$565	
Sendo o custo	421$250	
Prejuizo	138$585	
Sendo os direitos aos mesmos cambios de	202$966	
Seria o lucro	164$281	

no caso de ser possivel extinguir os direitos nos Estados Unidos, e seria ainda importante no dia em que a sobretaxa acabasse para o sal portuguez, e nos encontrassemos na situação, da Italia e da Hespanha. Outros generos poderiamos citar, em que a falta de tratado prejudica gravemente a industria e o commercio nacionaes, parecendo-nos que em regular este assumpto se deveria empregar a actividade governativa. Seria melhor, que empregar o tempo na extincção de concelhos, creando más vontades em resultados apreciaveis.

Plenamente d'accordo com o nosso collega nos differentes pontos de que trata no artigo que acaba de ler-se.

Escandalos

De Leiria dizem-nos o seguinte:

O administrador d'este concelho tem garantido publicamente que a todos, que com elle se comprometterem a votar na eleição municipal, toma a responsabilidade de fazer livrar os filhos nas inspecções militares. Accrescenta que este compromisso não é só d'elle, mas do governador civil do districto, dizendo tambem que para isso já se entendeu com os medicos da inspecção!

Por nossa parte não acreditamos na veracidade d'esta ultima parte, mas acredita a infelizmente o povo do concelho, chegando as cousas a ponto de muitos chefes de familia não quererem levar os filhos á inspecção, ideia de que desistiram pelos nossos amigos, dr. Santos Crespo e Mimoso Ruiz se terem offerecido para, á sua custa, levarem recurso de todas as injurias que se praticassem, fazendo todas as despezas a que os recorrentes sejam obrigados.

Nada nos maravilha já. E' capaz de tudo, quem tanto tem arrastado a administração publica n'este paiz.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Já chegaram á sua casa de Anadia, onde contam passar parte da estação calmosa, as sr.as D. Julia e D. Henriqueta de Castro, gentis e estremecidas filhas do nobre chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano.

— Está em Aveiro, no serviço de inspecções militares, o nosso amigo, sr. dr. José Tavares da S. Rebello, digno cirurgião-ajudante do 3 d'artilheria.

— Regressou á sua casa d'Oliveira d'Azemeis, o nosso amigo, sr. dr. Paulo Ferreira d'Almeida, que ha dias concluiu com distincção o seu curso na Universidade de Coimbra.

— Já chegou a Salreu e tomou posse da sua egreja, o sr. padre Antonio Baeta da Costa, esclarecido parocho d'aquella freguezia.

— Está felizmente melhor dos incommodos que ultimamente soffreu, a sr.ª D. Jeronyma Pereira da Cruz, esposa do nosso prezado amigo, sr. José Antonio Pereira da Cruz.

Actos.—Fez acto de chimica mineral na Escola Polytechnica do Porto, alcançando 14 valores, o nosso sympathico amigo e intelligente alumno d'aquelle estabelecimento, sr. Manuel Maria de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, filho do digno vice-presidente da camara municipal d'este concelho, sr. dr. Alvaro de Moura.

— Fez acto do 3.º anno de direito, em Coimbra, ficando plenamente approvado, o sr. Pedro Barbosa, filho do sr. Francisco Barbosa, antigo deputado da nação e digno chefe do partido progressista no concelho de Estarreja.

— Tambem fez já acto o quartanista de direito, sr. Manuel Ferreira da Costa Amador Valente, filho do nosso amigo, sr. dr. Francisco Albano Amador Pinto Valente.

As nossas sinceras felicitações.

Exames.—Fizeram exame de portuguez no lyceu d'esta cidade nos dias 17 e 18 dois discipulos do nosso amigo, sr. Alvaro Dias, muito digno director do Collegio de Nossa Senhora da Ajuda, de Espinho, ficando ambos approvados. Foram elles os meninos Benjamin Augusto Gradim, e Antonio Lopes da Silva Junior, ambos os quaes se destinam á carreira ecclesiastica.

Ao incansavel e zelozo preceptor e aos paes dos examinandos, enviamos d'aqui os nossos parabens.

Tambem e procedente da mesma escola d'ensino, fez exame de francez o alumno Domingos A. de Souza.

Provas são estas que depõem muito a favor do collegio, cujos creditos augmentam todos os dias.

— Fez exame, na Escola de Marinha das cadeiras de observatorio e de administração e legislação naval, obtendo na primeira 13 valores e na segunda 14, o sr. Silverio Cunha, filho do sr. Eduardo Ribeiro da Cunha, digno escrivão e tabellião da comarca de Oliveira d'Azemeis.

— Tambem obteve approvação nos exames de geographia e desenho, 2.ª parte, o sr. Alfredo Cortez, filho do sr. Cortez Machado, digno contador da comarca de Estarreja.

Os nossos parabens.

Incommodo grave.—Está gravemente incommodado na sua casa de Tagim o muito digno prior encommendado de Villa Cova, sr. Manuel Tavares de Paiva. Velhos amigos de tão distincto ecclesiastico, fazemos instantes votos pelo seu prompto restabelecimento.

Exposição em Aveiro.—Aproveitando o regresso dos objectos que foram d'esta cidade e districto para a exposição d'arte sacra em Lisboa, vae haver em Aveiro uma exposição no genero d'aquella. Promette ser brilhantissimo o novo certamen; além dos objectos que foram a Lisboa serão expostos muitos outros de grande valor e estimação, que por falta absoluta de tempo não poderam ser remettidos para alli.

A exposição, que deve realisar-se n'um dos magnificos salões do convento de Jezus (collegio de Santa Joanna), além de mostrar o muito que ainda possuimos, visa a um fim humanitario; é em beneficio dos pobres. O producto das entradas e bem assim o da venda dos respectivos catalogos, será distribuido pelos necessitados das duas freguezias da cidade.

Collegio de Santa Joanna.—Como dissémos já, foi brilhantissima a festa da primeira communhão ás educandas do Collegio de Santa Joanna, que se realisou na terça-feira, na egreja de Jesus. E o que deixa de ser brilhante n'esta casa de educação, incontestavelmente uma das primeiras do paiz? E para que assim seja, é mais que bastante o estarem á sua frente as irmãs terceiras de S. Domingos, cujos meritos como educandoras está sendo altamente apreciado por todo o mundo culto.

Os trabalhos escolares do Collegio estão a terminar, e tudo leva a crêr, que o encerramento das aulas seja precedido da costumada distribuição dos premios ás educandas que mais se distinguiram durante o anno. Esta festa, por todos os titulos sympathica, desperta sempre o maior enthusiasmo na cidade, e faz com que n'essa occasião aqui concorram dezenas de familias, e o Collegio seja immmensamente visitado. Tudo que em Aveiro e no districto ha de mais distincto, concorre alli n'aquelle dia. O venerando prelado d'esta diocese o sr. Bispo Conde, a quem em grande parte se deve a fundação do Collegio, costuma honrar o acto com a sua presença, distribuindo elle proprio os premios, tornando-se assim ainda mais solemne o acto.

No ultimo anno, a distribuição dos premios tomou um caracter muito intimo, mas tudo leva a crêr, que agora o facto se não repita, tal é o empenho que todos tem de ir admirar os progressos do Collegio. Que a festa se realise com o brilhantismo dos annos anteriores, é o nosso desejo, e crêmos bem que toda a cidade mostra o mesmo empenho.

Senhora da Piedade.—A'manhã verifica-se na capella do Rocio, que está vistosamente engalanada de damascos, setins, flôres e plantas ornamentaes, a costumada e pomposa festividade em honra de Nossa Senhora da Piedade, que alli se venera, a expensas de varias devotas d'esta freguezia, constando de missa solemne acompanhada pela phylarmonica *Amizade*, e de sermão pelo muito conceituado orador, o rev.º sr. Bruno Telles dos Santos, e de tarde tambem haverá sermão por outro bom prégador.

Romaria.—Realisa-se ámanhã no visinho logar de Villar a antiga romaria da Senhora da Victoria, tendo hoje ruidosa vespera com o costumado entremez, e ámanhã festa de egreja e arraial, onde costuma sempre affluir muita gente.

Inspecção de recrutas.—Continua n'esta cidade, sob a presidencia do sr. tenente-coronel Mimoso, a inspecção de recrutas respeitantes a esta circumscripção. Demais será dizer que o exame dos mancebos tem sido feito com a maxima regularidade, fazendo-se justiça inteira a todos. Nem outra cousa se podia esperar da respeitabilidade dos cavalheiros que teem formado a respectiva commissão.

Por emquanto a inspecção tem-se verificado nos mancebos dos concelhos mais distantes d'esta cidade.

Equivoco.—Por equivoco, dissémos que o primeiro artigo, publicado na segunda pagina do nosso numero antecedente, era extrahido do *Jornal de Estremoz*, quando foi extrahido do *Jornal de Estarreja* de quinta-feira, 11 do corrente. O seu a seu dono.

Os cães em Lisboa.—Com vista aos que accusam a exigencia do açaimo, transcrevemos d'um jornal de Lisboa a seguinte noticia:

«O sr. commandante do corpo de policia civil officiou á camara, dizendo que, tendo-se desenvolvido de uma maneira assustadora, a hydrophobia na raça canina, dera as mais terminantes ordens aos seus agentes para rigorosa observancia das posturas municipaes com respeito a cães vadios e a cães com açaimo. Pede se lhe diga se existe modello d'açaimo, e no caso negativo, pede se adopte um só systema de açaimo, pois o que vulgarmente se usa é uma simples correia em volta do focinho do animal que o não impede de comer, beber e até de morder. O officio foi remettido á repartição de policia para informar com urgencia. As providencias adoptadas pelo sr. commandante da policia são acertadissimas.»

Crêmos que a nossa camara vae tomar as mais rigorosas providencias ácerca de assumpto de tamanha importancia. Louvamos tudo quanto faça em beneficio da segurança publica e no intuito humanitario de extinguir pela raiz o grande mal da hydrophobia.

Tribunal judicial.—A camara mandou fazer varias reparações urgentes na casa do tribunal judicial d'esta comarca. Eram precisas.

Attenção.—Chamamos a dos srs. commerciantes d'azeite para o annuncio que hoje publicamos na respectiva secção, garantindo a probidade da casa annunciante, que é, sem duvida, uma das mais acreditadas da Extremadura.

Fallecimento.—Falleceu em Ovar, onde por muitos annos exerceu o cargo de escrivão de direito, o sr. Antonio Maciel d'Oliveira Dias. Porque soffria ha bastante tempo, tinha substituto. E' mais um logar vago, que muitos ambicionam, mas que só um ha-de fruir. Quem será? Resta ver.

Chuva.—Choveu ante-hontem o preciso para melhorar as condições da agricultura. Para as terras que precisavam já d'alguma lentura, foi um grande bem, pois os milhos teem agora um caracter mais promettedor. O que é certo, é que a chuva que cahiu, apesar de pouca, fez já muito pão.

As marinhas é que se ressentiram um pouco d'este novo contratempo, e isso confirma o juizo que todos fazem de que a colheita do sal não póde já ser abundante. O que até agora se tem colhido, é pouquissimo e futuramente será o que for. Esperando por isso melhor ensejo para venda, quem o tem velho, não tem pressa de vender.

Mercado de sal.—Sóbe o preço d'este genero. O pouco velho que existia póde considerar-se quasi todo vendido e pelo preço de 25$000 reis a medida restricta de 15:000 litros. O tempo está a favorecer os poucos possuidores do sal velho, pois que, como temos dito, a colheita do novo ha-de ser muito limitada.

Padarias.—Dizem de Pardilhó, concelho de Estarreja, que ha actualmente cerca de 100 padarias que abastecem de pão de trigo a maior parte dos concelhos de Estarreja e Ovar. Empregam-se n'esta industria perto de 350 a 400 mulheres, que fabricam diariamente cerca de 10:000 pães, na importancia de 300$000 réis pouco mais ou menos.

Captura.—Está preso na cadeia d'Ovar um tal Paulino, accusado de ter assassinado, ao norte da costa da Torreira, o sr. Bernardo Fardilha, natural de Cortegaça.

Egreja de Fajões.—Não teve nenhum concorrente a egreja parochial da freguezia de Fajões, do concelho d'Oliveira de Azemeis, que havia sido posta a concurso pela morte do respectivo parocho collado. Continua, portanto, parochiando aquella egreja, a contento de todos os parochianos, o encommendado rev.º sr. Antonio Xavier Dias de Pinho.

Uma infeliz.—N'uma casa do logar de Cabo de Villa, em Oliveira d'Azemeis, vive na maior miseria uma infeliz rapariga, digna de dó. Parece que esta desgraçada foi ha tempos para alli, trocando o amor da familia pelos sorrisos do amante, que agora a abandonou. A' auctoridade administrativa cumpre tomar as providencias que o caso aconselha, pois que a desventurada, segundo consta, está a morrer de fome e da miseria.

Tosses.—Constipações, bronchites e varios padecimentos dos orgãos respiratorios. Curam-se com os *Rebuçados Milagrosos*, de Ferreira Mendes. Leia-se o annuncio na respectiva secção.

Marinhas — Sal.—Sob este titulo, um nosso collega da Figueira, de 18, escreve o seguinte:

«Estão produzindo abundantemente todas as marinhas do nosso concelho, não tendo os marnoteiros tido um momento de descanço no preparo dos respectivos talhos para as successivas reduras. O tempo tem-lhes corrido favoravel, e por isso é de crer que a colheita seja este anno remuneradora.

Os preços mantem-se os mesmos que ha tempo assignalámos: 9—10$000 reis os 900 litros, e 14—15$000 reis o wagon de 10:000 kilos.»

Sobre a montagem da draga que tem de fazer serviço n'aquelle porto, o nosso collega diz tambem:

«*A draga.*—Foram no domingo abertas na administração do concelho as propostas para a montagem da draga. Concorreram: o sr. Manuel Antonio Miranda, cuja proposta era de 2:395$000 reis, tendo sido já o arrematante da de Aveiro por 2:485$000; o sr. Henrique Brasseur (7:990$000 reis), e o sr. José da Silva Polycarpo (1:550$000 reis), ao qual foi adjudicada. A base da licitação era de 2:500$000 reis. A montagem da draga far-se-ha no mesmo estaleiro onde já se fez a da sua antecessora, defronte do mercado *Engenheiro Silva*, e os trabalhos começarão logo que esteja superiormente approvada a arrematação, devendo estar concluidos no praso de quatro mezes.»

Previsão do tempo.—Segundo o boletim do sabio saragoçano, os dias 18, 22, 24 e 25 serão tempestuosos e de temperatura variavel, havendo de 26 a 31 fortes calores. A 22 manifestar-se-hão baixas pressões na Europa occidental, centro da Irlanda e oeste de Portugal, apresentando-se o tempo tempestuoso. A 23 estabelecer-se-ha uma transição, subindo a temperatura. A 24 voltarão as baixas pressões no sul da Irlanda, com vento e chuva, sendo esta acompanhada de tempestades nas regiões visinhas do Mediterraneo e com vento norte.

A cura da tuberculose.—Uma nova descoberta. Mais uma, e que ella não tenha o destino das outras. Um chimico parisiense, Francisque Crôtte, descobriu um methodo de cura d'esta terrivel enfermidade. Esta descoberta de mr. Crôtte não é d'agora, pois data de ha 3 annos, mas submettidos ao seu tratamento varios tuberculosos, desde esse tempo até hoje, os resultados tem sido por tal modo brilhantes, que, sem duvida se entrou no caminho da cura d'essa terrivel enfermidade, que faz mais victimas que a mais propagada das epidemias.

Crôtte communicou a sua descoberta á Academia das Sciencias de Pariz e alcançou que fosse praticado o seu methodo de tratamento no asylo de Villepinte, onde actualmente se encontram 300 raparigas tuberculosas. Este asylo, especialmente destinado ás molestias de peito, está collocado sob o patronato dos maiores nomes de França.

O medico em chefe d'esse estabelecimento hospitalar, o dr. Goêt e o seu sábio collaborador o dr. Lefevre, não hesitaram em fazer experiencias que acabam de ser coroadas do exito mais completo, segundo o relatorio publicado por esse eminente especialista. Ha curas verdadeiramente milagrosas, de raparigas, cujos paes morreram tysicos e que entrando para Villepinte com os dois pulmões congestionados, com febre, suores nocturnos, tosse persistente, escarros grossos e bacillares, sahiram radicalmente curadas.

Em vista d'este resultado admiravel, vae crear-se em Paris um sanatorio, n'um dos mais bellos bairros, o parque de Monceau, para o tratamento e cura das molestias de peito pelo methodo Crôtte, sob os auspicios de medicos distinctos da Faculdade de Paris. Vae abrir-se egualmente e em breve, clinica gratuita para o povo, n'um dos bairros mais populosos da capital franceza. Ainda não ha muito que o celebre dr. Roux, cuja effigie deviam ter todas as mães em casa com as honras d'um deus-lar, arrancou as creanças aos horrores da diphteria e já uma nova conquista sobre a morte nos vem d'essa cidade que, como cerebro que é do mundo, todos os instantes pensa e cogita no bem da humanidade afflicta.

No tribunal da opinião

Do nosso estimavel collega, *Le Portugal Financier*, transcrevemos o seguinte artigo:

Sobre o indifferentismo politico discorre uma revista semanal, aplaudindo-a, louvando-a, e achando-a singularmente commoda para o paiz no actual momento historico. Persuadida de que os partidos estão em dissolução, entende a mesma revista que nenhum d'elles tem auctoridade para agitar o povo, visto que ao chegarem ao poder desmentem por os seus actos os programmas formulados na opposição, por lhes ensinar a pratica que nem sempre os melhores ideaes politicos podem realisar-se quando são honrados com a confiança da corôa.

E' certo que entre a exposição dos principios e a sua execução, vae grande distancia, e que o que se afigura excellente quando se combate o poder, nem sempre é acceitavel dentro d'elle E d'aqui surge o descredito para os estadistas que levaram annos a lembrar e propôr alvitres, para depois terem de abandonal-os por não os reputarem viaveis quando poderiam evidenciar iniciativas, que á primeira vista pareciam proveitosas para a cuasa publica.

Isto mesmo se tem passado em todos os tempos e em todos os paizes. Porque houve em Portugal um ministro habil e de grandes expedientes, que se applicou exclusivamente a consolidar o absolutismo real, e por o paiz ter prosperado sob a administração do valido, não se segue que não podesse tornar-se mais util a sua influencia politica, se por ventura se tivessem vasado em outros moldes a doctrina e os factos que n'essa época collocaram o estadista no fastigio da governação. Devem-se-lhe trabalhos importantes nos variados ramos de administração publica. Mas a par d'ellee, quantos actos de força dignos de figurar nas chronicas da edade media!

O vulto que o marquez de Pombal tomou para modêlo foi o valido de Luiz XIII de França. O celebre cardeal-duque de Rechelieu teve tambem de combater a nobreza do seu paiz, que pretendia esmagal-o, contestando á corôa os privilegios que ella se arrogava para fazer da nação um feudo exclusivo da realeza. O suplicio d'alguns fidalgos, que contestaram esses direitos, teve tambem ecco em Portugal. Cá, foram os Tavoras, os Athouguias e os duques d'Aveiro, como lá tinham sido outros que uzavam tambem nomes illustres e desempenhavam funcções importantes na côrte.

Mas essas epocas de rudeza passaram á historia e hoje é muito differente a orientação dos povos. Póde o seu indifferentismo porém, devido a circumstancias fortuitas, tolerar que as leis sejam suspensas, que no regimen parlamentar se abra uma solução de continuidade, e ainbora tenham protestado em reuniões publicas contra a inobservancia da constituição. Mas para que a indifferença fosse um simptoma de descrença ou de desesperança, seria mister que o executivo tivesse evidenciado que era mais efficaz a sua gerencia sem as peias da fiscalisação dos seus juizes naturaes. Se nas contas do thezouro se mostrasse que a intervenção das côrtes era uma excrescencia, e que os ministros entregues ás suas proprias inspirações precatavam mais e melhor os direitos e os interesses dos contribuintes, o parlamentarismo teria levado um bote mortal n'esta parte da peninsula. Mas no confronto das medidas ministeriaes, ao conhecer-se que a administração não tem auferido do sacrificio publico as vantagens correspondentes, que terrivel desengano vae calando no animo de todos, e como a reacção tem de preparar-se ainda que lentamente, afim de modificar o actual estado de cousas, que aos mais entendidos parece insustentavel

Nem as reformas introduzidas nos ultimos annos na nossa administração civil, nem a refundição do nosso regimen tributario quanto ás collectas industriaes, nem a remodelação das forças defensivas do paiz, nem as correcções na matriz predial, que nos levassem a obter n'um praso mais ou menos largo um ligeiro esboço do cadastro, nem a simplificação dos serviços publicos, que nos desse a esperança da limitação dos quadros do funccionalismo, nem tão pouco a reducção da despeza que nos permittisse supor que teriamos ao menos, não um saldo positivo, mas o restabelecimento do famoso equilibrio orçamental! Nada d'isto nos assegurou a supressão temporaria do parlamento, como pouco tambem nos tinha dado até ahi a intervenção directa do poder legislativo nos processos da governação publica! E se emudeceu a tribuna, não melhorou infelizmente com o seu silencio a administração!

Porque veio o fechtischismo governamental obrigando as côrtes a abdicarem nas mãos do executivo as suas faculdades de legislar, conferindo aos ministros tão irresponsaveis como a corôa, amplas auctorisações para reformar como quizessem todos os ramos de serviço publico. Porque demittindo de si as funcções que davam iniciativa e influencia, annullaram a sua importancia, demonstrando ao paiz que era uma peça desnecessaria ou inutil na grande engrenagem constitucional. Porque quem se annulla consente que lhe passem por cima os que a lei tinha collocado na segunda plana, e que só podiam viver á sombra do seu prestigio ou da sua benevolencia. Finalmente, porque taes auctorisações foram um erro, cuja expiação ha de ser dolorosa para o paiz, a despeito mesmo do indifferentismo que calculadamente lhe attribuem.

E não nos cançaremos de repetir que nem o trabalho nacional se desenvolveu com o augmento dos direitos protectores, nem as finanças melhoraram com a deducção nos vencimentos do mundo official, e com os 30 °/₀ lançados aos juros da divida publica. A vida economica do paiz soffre enorme abalo com todos estes saques á vista, mas os beneficios que deviam advir d'estas medidas de caracter excepcional, é que não se fizeram ainda notar nas columnas do orçamento e no rol das receitas e despezas do thesouro. Esta é a verdade, que ninguem infelizmente pode contestar de boa fé, embora se louvem ou façam referencias lisongeiras aos resultados da gerencia dos actuaes titulares de todas as pastas, por o modo porque teem administrado o patrimonio nacional. Nós queriamos vêr demonstrada a proposição, em vez de a explicarem d'um modo que não póde convencer quem fôr versado n'estes assumptos.

*

Em 1890 era ministro da fazenda o actual titular do reino. Um dos seus primeiros actos foi conhecer do estado das cousas do seu pelouro e publicar em seguida um relatorio, que foi o signal de alarme no campo das finanças. Muitos censuraram a resolução do novel estadista, que d'est'arte exauctorava o paiz official perante o estrangeiro. E a consequencia d'esta resolução foi o malograr-se a collocação do emprestimo de 8:000 contos, que o governo quiz então negociar nas praças de Londres e Paris.

Parece-nos mais regular este processo, do que o de encarecer as circumstancias do thesouro em famosos relatorios, quando os factos comprometem por completo o fim que se pretende attingir. Se as finanças do estado não são prosperas, para que se ha de asseverar o contrario? Para reconquistar o credito perdido? Mas se a allegação não se provar, não sera maior o desastre?

Não basta o indifferentismo para salvar as situações decadentes. Só poderá redimil-as o trabalho conscienciosо e aturado. Podem os partidos não ter sufficiente prestigio para que a opinião se levante ao seu apello. O que porém rebaixa o paiz, é que os governos não estejam á altura da gravidade das circumstancias conforme a phrase sacramental usada vae em 14 annos n'uma moção de censura votada pelo pariato hereditario. D'ahi é que vem o mal, e para este é que não ha remedio nem na indifferença da opinião, nem na suspensão do regimen constitucional. Visto que a conclusão a tirar é, que o paiz está carecido de vida nova, e que não é com velhos processos que hão de insuflar-lhe alentos e retemperar-lhe as energias, porque a supressão da liberdade legal atrophia e não dá forças, da mesma fórma porque o *simoon* ao desencadear-se nos desertos da Arabia, aniquila as caravanas extenuadas.

CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

A biographia está em moda e nós não queremos incorrer na trivialidade de reproduzir perante os leitores habituaes d'este semanario, o que mais ou menos se tem escripto sobre a vida do eminente estadista.

E' preferivel apreciar o caracter da sua epoca, a evolução do seu partido politico e, dentro d'este quadro historico desenhar as multiplas qualidades da sua personalidade, que determinam a natureza da sua acção social. O conselheiro José Luciano de Castro é hoje, pelo força dos acontecimentos, o representante do voto ou das aspirações d'uma parte importante da sociedade portugueza.

O partido que o tem por chefe é de origem necessaria, o depositario das idéas avançadas, iniciadoras dos progressos publicos.

E' a ramificação do mesmo poder impulsivo que em todos os tempos e logares lança a sociedade na busca do *melhor*, incitando-a ao cumprimento do seu destino. Este partido, acompanhando a transformação dos nossos costumes politicos, entra em uma nova phase historica com o advento do regimen liberal. Na genese da constituição de 1820 o elemento avançado de Fernandes Thomaz e Silva Carvalho já apparece controvertido por um partido de rigidos conservadores, e outro de constitucionaes moderados.

Na de 1826 figura de mais avançado em contraposição ao partido da rainha, o do rei, representado por Pamplona e Palmella; e este partido, no periodo da regencia, é reforçado com o nome prestigioso de Mousinho da Silveira. E' no começo do reinado de D. Maria II que se definem mais claramente as feições entre os grupos conservador e progressista, figurando á frente d'este ultimo no governo o marquez de Loulé, José Jorge Loureiro e Sá da Bandeira.

A revolução de setembro de 1836, de intuitos mais radicaes, poz em evidencia o nome glorioso de Manuel da Silva Passos. Não podendo ser mantida a constituição que d'este movimento resultou, os cartistas vieram a ser considerados como um partido conservador, o qual em virtude da transacção por elle acceita do acto addicional de 1852, deu origem a uma nova situação, denominada *regeneradora*. Os progressistas, porém, mantiveram-se no seu papel de partido avançado, apresentando situações governativas definidas em 1856, 1860, 1862, 1865 e 1868, entre as quaes figuram salientemente os nomes do marquez de Loulé, José Jorge Loureiro, Sá da Bandeira, Julio Gomes da Silva Sanches, Thiago Horta, Mendes Leal, Lobo d'Avila, Anselmo Braamcamp, João Chrysostomo e Bispo de Vizeu.

E' na situação progressista de 1869 que apparece o conselheiro José Luciano de Castro tendo conquistado antes em diversas legislaturas a evidencia a que lhe davam direito os seus merecimentos. Cerca de 1865 os dois partidos liberaes tinham approximado muito as suas bandeiras; por falta de idéas bem definidas havia em ambos os campos diversas fracções, ás quaes se pretendeu impôr uma certa disciplina por meio do pacto denominado da *fusão*. Este accordo, porém, foi nefasto ao paiz, porque á febre dos melhoramentos materiaes a que elle deu logar, foi necessario acudir com recursos, para os quaes o paiz não estaria habilitado; e a remodelação administrativa que fôra estabelecida, feriu de certo modo o sentimento da autonomia municipal. O movimento popular de janeiro de 1868 fez distanciar então ambos os partidos, vindo mais tarde as fracções do partido progressista a ligar-se pelo conhecido pacto da *Granja*. A' situação Bispo de Vizeu, que teve de respeitar as idéas radicaes do movimento de janeiro, succedeu uma situação mais moderada, em que entraram os vultos mais prestigiosos do partido—nomes distinctos nas sciencias do Estado e das letras—Duque de Loulé, Braamcamp, José Luciano, Lobo d'Avila, Mendes Leal e Rebello da Silva, e que nos deu um complexo de valiosas reformas economicas e administrativas. Depois d'esta época os partidos voltaram a manter-se n'uma relativa conformidade de vistas, na tranquilla rotação da vida constitucional, havendo comtudo um certo relevo na situação progressista de 1879, sobretudo com o desenvolvimento dado ao ensino primario, em harmonias com o generoso principio da descentralisação. N'esta situação, de que fez parte, e na que dirigiu em 1886 já então como chefe de governo e de partido, o conselheiro José Luciano de Castro revelou sempre a coherencia das suas vistas politicas e a sua desassombrada confiança no progresso das instituições liberaes.

E' prova d'este asserto o Codigo Administrativo, de 17 de junho de 1886, em que se affirma claramente o principio da autonomia local pela creação de tribunaes administrativos independentes e pelo alargamento da acção municipal; e a prosecução do grandioso plano do derramamento do ensino industrial. Os graves acontecimentos de ordem internacional e economica que sobrevieram no final da administração progressista, e que foram o começo da série de infortunios, que tem acabrunhado a nação, perturbaram profundamente as relações dos partidos politicos e permittiram duvidar se dentro do jogo normal das actuaes instituições seria possivel encontrar remedio contra as calamidades publicas e garantias para a prosperidade do paiz. Nós somos dos que acham que o nosso mal não provem directamente das instituições nem dos partidos; mas sim da energia de raça, que se mostra mais uma vez abatida. Por isso comprehendemos que ella só possa ser levantada pelo arrojo dos homens de puras crenças liberaes.

Funda-se o nosso conceito na consideração de que n'este momento historico os dois grandes partidos constitucionaes representam pelo seu laço commum a providencial acção moderadora dos exageros das idéas extremas: — por uma face, o regenerador impedindo o regresso para o passado; por outra, o progressista obstando aos delirios da demagogia. Quanto a nós o perigo para a sociedade vem d'este ultimo lado. O tufão do radicalismo açouta-nos visivelmente. E se não póde suppor que o triumpho da grande lucta social venha a pertencer ao *collectivismo*, tambem o *individualismo* não possuirá elementos de se erigir em systema exclusivo.

Os systemas politicos de governo já não preoccupam as multidões. Começa a perceber-se nas humildes camadas humanas que sem moral é que não póde haver sociedade bem organisada; e que da moral ou da justiça, por conseguinte, é que promona o bem geral. Se na integração psychica d'um povo existe em boa proporção o senso moral, essa qualidade realçará muito se fôr cultivada pela escola.

Em nosso entender os governos de esta terra teem de se preoccupar essencialmente com o aperfeiçoamento da escola, ponto de partida para se obter o melhoramento das instituições. E' pela escola que o povo ha de revelar nitidamente, as suas tendencias politicas, sociaes e economicas. Que ninguem se illuda com a crença de que a ordem social se considera estavel, defendida apenas com a pressão brutal das maiorias inconscientes; porque a experiencia tem mostrado quanto é fallivel este poder, leve de criterio, prenhe de injustiças e alvo de represalias.

Se o *individualismo* tem vantagens, se elle representa em muito o equilibrio dos interesses sociaes pelo respeito da propriedade, se elle realmente exprime a grande idéa de justiça, cuja formula é segundo Fournier —*a cada um segundo seu trabalho*;—isto indica que n'uma sociedade civilisada e progressiva, cada cidadão tem direito a ser respeitado dentro da sua esphera de acção, e que da voluntaria e reciproca limitação da esphera de cada um resultará seguramente o concerto geral, o bem commum.

Os ultimos acontecimentos politicos teem de bom o excitarem o espirito publico para nortear em melhor caminho os interesses nacionaes. Mas a disciplina politica de nada valerá se não fôr acompanhada pela disciplina mental, que só a escola póde dar; e esta dupla funcção cabe de rigor na missão dos governos. N'um paiz que se rege, como o nosso, por instituições liberaes, não ha logicamente causa para revoluções, porque os progressos se pódem realisar pela propaganda das ideias. O papel do partido progressista consiste em acolher com sympathia todas as aspirações generosas, depural-as, e realisal-as. E' sublime a sua missão; e póde ser grande o seu poder, se pela sua isenção ganhar a confiança dos partidos radicaes.

O conselheiro José Luciano de Castro tem qualidades á altura d'esta missão: a sua isenção pessoal, a serenidade e a constancia do seu animo, a franqueza do seu tracto, a elevação e cultura do seu espirito, a sua inconcussa lealdade, a inteireza do seu viver, as suas faculdades de trabalho, e a sua dedicação á causa publica, abonam o conceito em que é tido de cidadão exemplar, e o recommendam á consideração e ao respeito do seu paiz.

L. DE MELLO.

(Do *Jornal d'Anadia*.)

BARÃO DE MASSARELLOS

Descreve-o assim e com muita justiça o *Commercio do Porto* de 17:

Póde bem dizer se que está de luto o commercio portuense.

Morreu hontem o barão de Massarellos, figura veneranda da classe commercial do Porto, lidima personificação da iniciativa ousada, dos briosos esforços e da respeitabilidade inconcussa, que constituiram sempre o timbre do commercio d'esta praça.

Póde bem dizer-se que a sua ultima elevação á presidencia da Associação Commercial do Porto representou o empenho de inscrever nos seus escudos de honra o nome do ancião que merecia todas as venerações e impunha todos os respeitos. Ninguem ha ahi que não conhecesse aquella sympathica physionomia, nem que deixasse de curvar-se perante aquella individualidade veneranda. Espirito muito culto, liberal sincero, são assignalados os serviços que prestou ao seu paiz, como soldado e como commerciante.

O seu nome anda ligado não só aos acontecimentos politicos que se succederam desde 1826, como a actos publicos da vida civil, já desempenhando varias commissões officiaes, já ligando o seu nome a emprezas de progresso e de actividade commercial e industrial.

Joaquim Augusto Kopke Severim de Souza, barão de Massarellos, nasceu no Porto em 25 de abril de 1806, contando, portanto, 89 annos. Era filho de João Christiano Kopke e de D. Maria Dorotheia Severim de Souza, e neto de Joaquim Kopke, consul que foi de Hamburgo e mais cidades hanseaticas no Porto, e de D. Maria Catharina Archer. Nascido em uma epoca de agitação politica, não lhe podiam ser indifferentes os acontecimentos que se davam, e abraçando desde logo a causa da liberdade, serviu no batalhão de voluntarios de D. Pedro IV, de 1826 a 1828. Mais tarde, durante a guerra fratricida, vêmol-o em 1833 alistado no esquadrão de voluntarios a cavallo e em 1846 com o posto de coronel do batalhão nacional do Porto, posto que depois ficou gosando honorificamente.

Em 21 de maio de 1847, e a instancias da rainha D. Maria II, acceitou o titulo de barão de Massarellos, dado em attenção aos serviços importantes que prestára ao paiz, sendo esse titulo renovado em mais uma vida, por decreto de 24 de maio de 1855.

A sua vida publica começára-a por exercer o logar de juiz de paz, quando a esse cargo pertencia o juizo dos orphãos. De 1842 até 1845, fôra vice-presidente e presidente da camara municipal do Porto, fazendo parte, em 1847, da commissão municipal nomeada pelo governo. Além d'estes logares fôra tambem durante muitos annos membro da junta geral d'este districto e seu presidente.

Em 1834, quando se tratou da creação da Associação Commercial do Porto, entrou elle como membro da primeira direcção eleita para aquella corporação. Contava então Joaquim Augusto Kopke Severim de Souza 28 annos de idade, sendo, porém, já bem conhecidos e apreciados o seu fino criterio, superior intelligencia, incansavel actividade e grande conhecimento das questões e das cousas commerciaes d'esta praça.

Em 1837 passou a exercer o cargo de secretario da mesma direcção, e em 1850 foi eleito presidente, lugar em que se conservou até 1859. Em 1886 foi novamente eleito presidente da Associação Commercial do Porto, sendo-lhe conferido em 1889 o honroso diploma de presidente honorario, distincção que só uma outra vez fôra dada ao 1.º conde de S. Salvador de Mattosinhos. Alquebrado pelos annos, e a instancias suas, deixou em agosto de 1892 a presidencia da referida Associação, lugar em que por vezes déra provas da sua elevada capacidade e do seu são criterio. Applicando, principalmente, desde 1847, toda a sua intelligencia e actividade á vida commercial, só a deixou em 1870, tendo sido o chefe da importante casa exportadora de vinhos que girou n'esta praça, até essa epoca, sob a firma de C. N. Kopke & C.ª. Fundou a importante fabrica de fundição de Massarellos, hoje pertencente á Companhia Alliança, tendo o seu nome egualmente ligado a outros emprehendimentos importantes. Em 1891 o barão de Massarellos fôra agraciado com a gran-cruz da Ordem de Christo, «como decano do commercio portuense e presidente da Associação Commercial». Além d'isso era fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da Ordem da Conceição, official da Imperial Ordem da Rosa, do Brazil, e coronel honorario do extincto batalhão nacional do Porto. Era egualmente consul da Turquia. E eis traçados os principaes factos da vida benemerita de um cidadão que se extremou sempre por actos de uma correcção irreprehensivel, e por predicados de intelligencia que ficam attestados não só em varias publicações que deu á luz, como em lucidissimos artigos insertos em alguns jornaes, e especialmente no *Commercio do Porto*. A morte do barão de Massarellos, estamos certos que será pranteada não só por todos quantos admiravam a sua grande honestidade e o seu comprovadissimo civismo, como pelos que de mais perto o trataram e poderam conhecer as suas elevadas qualidades de caracter e os enternecimentos do seu coração bondoso. Pela nossa parte, nós que consagramos á sua memoria a gratidão mais sincera, que recebemos vastas vezes a honra da sua collaboração no *Commercio do Porto*, com diversos artigos de um alto valor, associamo-nos ao sentimento geral causado pela sua morte.

Particularmente, enviamos á familia do illustre finado a expressão do nosso profundo sentimento pela dôr que n'este momento a compunge.

Os responsos funebres celebram-se hoje, ás Ave-Marias, na egreja da Lapa.

Em demonstração de sentimento pela morte do sr. barão de Massarellos, tem estado a bandeira a meia haste no palacio da Associação Commercial, achando-se tambem cerradas as portas d'aquelle edificio.

O illustre finado deixou testamento cerrado feito em 28 de julho de 1875, que foi hontem aberto na administração do bairro occidental.

A ceramica portugueza

E' tambem do *Le Portugal Financier*, o artigo que segue:

N'estes ultimos annos tem feito progressos em Portugal a industria ceramica. A fabrica de porcelana da Vista Alegre é d'isso exemplo. Este estabelecimento produz muito e todos os objectos que alli se fazem, são relativamente baratos e bem acabados. Não é só nos certames do trabalho, quando se abrem as exposições publicas perante os jurys nacionaes ou estrangeiros. Nos depositos da fabrica existem desde a sua fundação exemplares curiosos e por elles póde avaliar-se o desenvolvimento que tem tido principalmente n'estes ultimos vinte annos.

As officinas estão sempre em laboração, e podemos asseverar que a offerta é inferior ao pedido, por tanto muito abaixo das exigencias do consumo. Assim a fabrica da Vista Alegre deixa de vender por não poder aviar de prompto as encommendas que lhe fazem. Se por ventura os seus actuaes proprietarios podessem ou quizessem applicar ao estabelecimento novos subsidios, estamos certos que os resultados corresponderiam ao esforço, e que o juro do capital accrescentado os compensaria do sacrificio. Lucrariam elles e o publico. O actual administrador da fabrica é o sr. Duarte Ferreira Pinto Bastos, que á consideração tradicional na sua familia reune a afabilidade de maneiras e intelligencia, o que tudo é garantia para o estabelecimento que superiormente dirige. E temos a convicção de que com taes predicados, a Vista Alegre ha-de grangear maior fama e proveito, se por ventura a sociedade que a explora applicar á fabrica as suas attenções, dotando-a com maior capital.

A faiança portugueza tem-se tambem desenvolvido muito e aos productos das fabricas de Sacavem e d'Alcantara, devemos adiccionar os das Caldas da Rainha, dirigida pelo sr. Bordallo Pinheiro (Rafael) e os d'Aveiro, de que é proprietario e administrador o sr. Carlos da Silva Mello. Aquelles tinham já a sua historia feita. Os ultimos porem tiveram de fazel-a á custa de muito trabalho e de não pequenos sacrificios.

A fabrica das Caldas estabeleceu-se com um capital social, que não bastou para o custeio das despezas sempre crescentes da sua producção. O estado teve de dar-lhe avultado subsidio. Ainda assim lucta com difficuldades e é pena, porque os seus productos, alem do cunho da originalidade, teem a recommendal-os a perfeição do acabamento e o colorido.

A d'Aveiro, sita na Fonte Nova, e de que é unico proprietario o sr. Carlos da Silva Mello, além da louça barata para consumo, tem, como a do sr. Bordallo Pinheiro, objectos de fantasia, em que egualmente se salienta, e sobre tudo os magnificos azulejos de paisagem, que são uma belleza. Nos armazens Grandella ha sempre uma abundante exposição dos seus variados productos. E a fabrica, que toma actualmente uma grande área, com todos os requisitos indispensaveis, occupando diariamente muitos braços, tem apenas a sustental-a o braço energico d'um homem que é incançavel no trabalho, e cujo arrojo é muitas vezes superior aos recursos de que dispõe. Nem companhia, nem o estado o teem alentado, antes as difficuldades com que por vezes lucta, teriam feito descoroçoar outro que não fosse da envergadura do sr. Carlos da Silva Mello, aniquilando-o aos empuxões da contrariedade.

São hoje felizmente mais desafogadas as circumstancias da fabrica da Fonte Nova. Todavia se o publico por conveniencia propria o tem auxiliado, não é isso motivo para que a imprensa não registe o facto, consignando-lhe menção honrosa.

COUSAS DE MOÇAMBIQUE

Sobre o assumpto, um collega de Lisboa, affecto ao governo, escreve o seguinte:

Hão de lembrar-se os leitores, do que escrevemos em tempo a respeito do sr. major Gorjão de Moura, a quem foi dada de modo irregular a medalha de ouro de serviços ultramarinos, que não podia ter, porque fôra reprehendido varias vezes em documentos officiaes, e por outros motivos.

Apesar d'isso aquelle official, sendo altamente protegido, foi despachado inspector dos prasos da corôa em Quelimane, logar que rende alguns 3:600$000 réis de ordenado, afóra varias achegas.

Marchou a exercer o logar e logo succedeu, não só o que era de prevêr, mas tambem o que não podia ser previsto. A poucos passos houve queixa ou denuncia em juizo, de que Gorjão de Moura apresentava todos os mezes enormes contas de despezas, que não fazia, mas que a fazenda lhe pagava. O juiz de direito, ouvidas as testemunhas, pronunciou o sr. Gorjão de Moura.

Pouco depois o arrendatario dos prasos Angoaze-Anguane foi accusado de tambem apresentar contas phantasticas de despezas, que não fazia e a fazenda lhe pagava. Ouvidas testemunhas e interrogado o homem, confessou os factos porque era incriminado mas acrescentou, que assim praticára obedecendo ao sr. Gorjão de Moura. Foram pronunciados este e o arrendatario dos prasos. Em virtude d'estas pronuncias, o sr. Gorjão de Moura foi suspenso. Mas não foi julgado e recentemente foi restituido ao exercicio do cargo, de que tão mal usára!

Não diremos mais nada, para que se comprehenda porque é pessima a administração ultramarina. Mas ao menos, visto que o sr. commissario régio tambem exerce funcções do poder moderador, que conceda amnistia ao alludido funccionario. Sempre será mais regular.

Por homenagem á verdade devemos dizer, que o actual ministro da marinha não é responsavel d'este caso, nem talvez d'elle tenha conhecimento.

O JUIZ DO POVO

Exercia o juiz do povo, no antigo regimen, uma magistratura economica e politica de grande importancia; e, com quanto fosse eleito, como em Roma o *Tribunus Plebis*, d'entre a arraia

---

177 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 2.ª PARTE

ARREPENDIMENTO

VII

A DÔR DAS DÔRES

Magdalena não sabia como revelar a Anna a morte de seu pae.

— Que horas tão tristes passei ao lado d'aquella infame mulher! dizia a costureira. Não imagina quanto ella me fez padecer! Ainda me parece illusão achar-me livre, e não sei como poderam saber aonde eu estava.

— Foi um meio engenhoso, posto em pratica pelo inspector de policia.

— Muito agradeço quanto fizeram por mim, porque talvez tenha ainda a triste consolação de receber o ultimo suspiro de meu pae, já que não posso prolongar-lhe a vida. Viu meu pae, minha senhora?

— Não me foi possivel, minha filha, respondeu Magdalena com indecisão.

— Quando fui vêl-o pela ultima vez cuidei que elle morria, e quiz permanecer junto do seu leito; mas o enfermeiro obrigou-me a sahir. Vamos agora ao hospital?

— Para que? respondeu Magdalena com carinho. As suas consolações não podem dar-lhe alivio, e ha de affectal-o demasiado qualquer commoção que experimente.

Anna, julgando vêr certo mysterio nas palavras de Magdalena, voltou de repente a cabeça e olhou-a fitamente.

— Não lhe parece que tenho razão? continou Magdalena.

— Ah! a senhora occulta-me alguma coisa que eu creio adivinhar no fundo da sua alma.

— Não, minha filha.

— Sim, sim; meu pae morreu e a senhora não quer declarar-m'o!

Magdalena guardou silencio e inclinou a cabeça com profundo abatimento. Anna ficou suspensa um momento, durante o qual foi levantando as mãos até juntal-as sobre o peito e permaneceu em silencio por algum tempo; mas logo que passou este primeiro instante de sobresalto, de duvida, de terror, que precede a intima certeza de uma grande desgraça que nos annunciam de repente, ergueu os olhos rasos de lagrimas, estendeu os braços, deixou cahir a cabeça sobre as mãos, e com voz que mais parecia o grito mysterioso de uma alma despedaçada pela dôr, exclamou:

— Meu pobre pae!...

E deixou cahir as mãos e a fronte sobre os hombros de Magdalena. Assim chegaram a casa de Lourença. Magdalena ajudou-a a descer do trem, deu-lhe o braço e conduziu-a até á sala de costura, sem ella proferir uma palavra. Durante a auzencia de Magdalena, Anacleto quasi não se tirara da porta, para vêr se aquella regressava com Anna. Logo que as viu chegar, correu a casa de Lourença.

— E's tu, Anna!... exclamou elle fazendo mil visagens. Meu Deus! Parece-me mentira o que vejo!

— Cabrerizo morreu! disse Magdalena ao ouvido de Anacleto.

O porteiro estremeceu como se tivera sentido a mordedura de uma vespa, e levantando ligeiramente os hombros, ficou em silencio. Passados os primeiros momentos, Magdalena julgou prudente occupar-se das pessoas que estavam na sala: o unico estranho era Simão, a quem disse:

— Angela já lhe deve ter dito a desgraçada morte de Gervasio.

— Sim, senhora. Deus lhe perdõe lá no ceu, como eu lhe perdoei na terra.

— Já tambem deve saber que o enterro deve verificar-se esta tarde.

— Não faltarei a elle.

— Se quizesse fazer-me um favor, agradecer-lh'o-hia muito.

— Quantos quizer.

— Hontem á noite fui ver o filho do tio Bruno, e o pobre pae manifestou-me desejo de ir tambem ao funeral; mas não sabe a igreja nem a hora em que ha de celebrar-se...

— E quer que eu lh'o diga?

— Quero, sim; d'esse modo dispensar-me-ha um obsequio de que Julião aproveitará, porque desejava vel-o. Não deixe lá ir, porque é talvez a ultima vez em que possa dar um testemunho de amisade a esse desgraçado rapaz.

— A ultima vez! Então que ha de novo, senhora?

— Creio que elle não tem muitos dias de vida.

— E' possivel?...

— Infelizmente. Julião, se não me engano, está no segundo ou terceiro grau de tisica. A impressão que recebeu no Canal antes e depois de Cabrerizo se salvar, aggravou-lhe a doença; mas o infeliz deseja viver mais que nunca, e abriga esperanças e illusões que a morte lhe ha de cortar em breve.

— Pobre Julião! Vou vêl-o immediatamente.

— Vá, vá; será para elle uma derradeira alegria, porque é agradecido.

— E onde é o funeral de Cabrerizo?

— Em San Millan, ás 5 horas.

— Pois se não quer mais nada, até logo.

— Adeus, Simão.

O velho despediu-se de todos e sahiu da sala. Anna nada ouvira, não só por fallarem baixo como por estar toda entregue á sua dôr.

Anacleto tinha-se sentado perto d'ella e contemplava-a carinhosamente, com as mãos cruzadas, e movendo a cabeça como quem diz:

— Valha-me Deus que desgraça!

— Anninha! exclamou por fim com voz receiosa e indecisa, eu estive lá... esperei-a á hora do costume... não tenho culpa... mas deve supportar com valor esta desgraça, e...

Interrompeu-se por não encontrar palavras de consolação.

Magdalena, vendo o estado da infeliz, disse a Angela que lhe preparasse algum calmante, e obrigou-a a deitar-se no seu proprio leito. Seriam aproximadamente quatro horas quando André e Paulo entraram na sala.

— Que ha de novo? perguntou André.

— Anna já appareceu.

O musico mostrou alegrar-se e pediu a Magdalena que lhe referisse o incidente com todas as suas particularidades. Depois de ouvir a narração, levantou-se e dirigiu-se com Paulo para o gabinete de trabalho.

— Vamos, disse-lhe elle, veste-te, porque se approxima a hora de prestarmos um tributo de commiseração a um infeliz que morreu arrependido.

Paulo parecia preoccupado.

— Que pensamento te preoccupa? perguntou André.

— Só um nome.

— Moran?

— Sim.

— Muito sinto que o barão se obstine em provocar um lance que póde destruir a felicidade de tua mãe.

— E' inevitavel, mas peço-te segredo.

— Juro guardar, emquanto não perigar a tua existencia.

— Depois das tres lições que o barão me tem dado, sinto-me agil e forte, mas não seguro do triumpho. Comtudo, querido André, o barão não convidará Moran para o duello em quanto não confiar abertamente na minha destreza.

— E se o infame antecipasse a sua viagem?

— Eu anteciparia o desafio, porque tenho sêde de vingança.

— O odio perturba-te.

— O mais que póde succeder, é eu bater-me com Strey, e confesso que me seria mais agradavel vingar-me d'elle que de Moran, porque, com quanto o segundo nos tenha offendido a todos, o primeiro é causador das desgraças de minha mãe.

— Não penses n'isso, atalhou André, e vamos ao enterro do infeliz Gervazio.

Paulo vestiu de preto e sahiu com André.

— Vão ao enterro? perguntou Magdalena.

— Sim, minha mãe.

— Pois no cemiterio nos encontraremos.

Os dois amigos sahiram e Magdalena tambem se ausentou.

Um quarto de hora depois, André e Paulo entraram em San Millan. No centro da egreja estava o caixão que encerrava o cadaver de Gervasio.

O unico homem que se via no templo áquella hora era aquelle que estivera exposto a ser victima do Romo: Simão. Sentado no primeiro banco, ouvia com religiosa attenção os responsos que os sacerdotes elevavam a Deus pela alma do defuncto.

Paulo e André foram para o lado de Simão, quando chegou a hora de levantar o caixão para conduzil-o ao cemiterio. Simão adiantou-se, e collocando-se á direita do cadaver, disse com voz muito baixa ao *cangalheiro:*

— Este logar quero eu occupal-o.

E afastando-o suavemente, foi collocar o hombro debaixo do caixão.

— Vês isto? disse André a Paulo indicando-lhe Simão.

— Vejo! respondeu Paulo com os olhos arrasados em lagrimas.

— Este homem está dando-nos o exemplo do que devemos praticar com os nossos inimigos. Quem diria a Gervasio, o primeiro a ser victima dos seus instinctos criminosos, havia de conduzil-o depois ao cemiterio!

— E' verdade! murmurou Paulo!

E em quanto dizia isto, outro homem, que até então se conservara occulto detraz de um confissionario, dirigiu-se com passo descançado ao *cangalheiro*, que caminhava ao lado de Simão, e disse-lhe:

— Dê-me o seu logar.

— Mas, senhor!...

O homem substituiu-o quasi á força e com voz commovida e tremula, accrescentou:

— Salvou meu filho; quero pagar-lhe este tributo.

Aquelle homem era o tio Bruno.

A funebre comitiva, bem escassa por certo, poz-se em marcha em direcção ao cemiterio. Quando chegaram, Magdalena esperava-os na capella. Ao ver o ataúde, conduzido por Bruno e Simão, não poude deixar de dizer, dirigindo-se ao ultimo:

— E o homem que é capaz de fazer isto pelo seu mais cruel inimigo, estranha que eu perdoasse a Moran!

Custa a crer que n'um seculo em que o odio e a vingança são levados até além da campa, haja quem offereça este exemplo da abnegação e piedade; mas creia o leitor que não é fantasia nossa, porque mais de uma vez temos tido a honra de fallar com Magdalena e de apertar a mão de Simão.

(Continua.)

miud a, era, todavia, equiparado em prerogativas a magistrados sahidos do gremio da nobreza. Traziam os juizes do povo varas como os vereadores e os juizes ordinarios.

Ao juiz do povo de Coimbra foi concedido o privilegio de poder usar de vara vermelha, como o de Lisboa, por carta regia de 3 de junho de 1663.

Liam seus filhos no desembargo do paço, sem dispensa de mecanica; podiam fazer procuração por seu proprio punho; sentavam-se em cadeira de espalda,a par do corregedor, concorrendo na junta do cofre da real fazenda.

Finalmente de tamanha honra e consideração foi sempre considerada a posse d'esta magistratura,que por gravissima pena foi privada a cidade do Porto do seu juiz do povo, procuradores e misteres, por carta regia de 4 de abril de 1795. D. João IV folgava honrar e distinguir estes magistrados.

Adoecera gravemente este soberano, e dous dias antes de fallecer quiz despedir-se do senado de Lisboa, que recebeu na sua camara, dirigindo-lhe uma breve e sentida falla, e particularmente distinguiu o juiz do povo.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A MISERICORDIA E A VERDADE

Nem tudo o que parece misericordia é misericordia e verdade.

Ha misericordias que são misericordias e mentiras. Parecem misericordias, e são respeitos; parecem misericordias, e são interesses; parecem misericordias e são outros affectos tão contrarios d'esta virtude como de todas.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio hoec? Patii enim istud venundari multo, et dari pauperibus* (Matt. XXVI—9). «Para que é esperdiçar assim este unguento tão precioso? Melhor fôra vendel-o por muito dinheiro, e matar com elle a fome a muitos pobres.» Quem ouvisse isto a um apostolo, havia de dizer que era vontade de fazer bem, que era espirito de caridade, que era impulso e affecto de misericordia. Mas o evangelista S. João, que lhe conhecia o animo, vede que differentemente nol-o pintou e despintou:

Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, et loculos hatens. Não dizia isto Judas, porque tratasse dos pobres, senão porque tratava de si. As palavras pareciam de um apostolo, mas os intentos eram de um ladrão: era cubiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia: *Qui fur erat, et loculos hatens.* Eu não quero applicar, faça-o cada um comsigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, e de materia mais perigosa.

Sahiu Abrahão peregrino de sua patria, fez assento no Egypto com toda a sua familia, e não se tinham passado muitos dias, depois que chegára, quando já era um dos mais ricos e poderosos do logar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do rei e moradores d'aquella terra. Quando isto li a primeira vez, comecei a murmurar de nossos tempos, e a dizer comigo:—esta, sim, que é claridade; esta, sim, que é misericordia! Remediar, com tanta presteza, um homem peregrino, soccorrer com tanta abundancia uma familia desterrada, não se faz assim entre nós com os retirados de Pernambuco. Li por diante e tudo o que ouvistes, nada era menos, que aquillo que parecia. Parecia piedade e eram respeitos: parecia misericordia e eram interesses. Digâmol-o mais claro: Parecia caridade e era amor. Todas estas enchentes de bens corriam á casa de Abrahão, não por amor de Abrahão, senão por amor de Sara, e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina. *Scio, quod pulchra sis mulier: Abram bene usi sunt propter illam.* (Jenes. XII—11 e 16).

De sorte (como dizia) que nem tudo o que parece misericordia, é misericordia e mentira, senão muitas vezes misericordia e ventura. Em Judas o zelo dos pobres parecia misericordia, e era cubiça: em Pharaó o agasalho dos peregrinos parecia misericordia e era lascivia: e se estes defeitos se acham em misericordias coroadas, ou com a corôa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a corôa real, como a de Pharaó, menos maravilha seria que se possam achar nas misericordias de outros sujeitos, onde os da menor condição, e os da maior, todos são inferiores.

ANTONIO VIEIRA.

NOTICIAS DIVERSAS

A terceira cidade do reino.—O nosso presado collega *Commercio de Portugal*, a proposito da questão de precedencia entre municipalidades, publicou as seguintes curiosas informações, que trazem á baila a cidade de Angra do Heroismo, em que até agora se não fallara:

«Tem se discutido na imprensa qual seja, por melhor direito, a terceira cidade do reino, sob o ponto de vista hierarchico, querendo Evora para si esse logar, que lhe é contestado por Braga. Nenhuma d'ellas tem rasão a respeito do terceiro logar hierarchico. Em qualquer acto publico solemne, em que estejam representadas, com as suas insiguas, as municipalidades do reino, os primeiros tres logares pertencerão aos representantes de Lisboa, Porto e Angra do Heroismo, ficando Lisboa no centro. A rasão da precedencia da camara municipal, representante da *antiga, muito nobre, leal e sempre constante* cidade de Angra do Heroismo ás outras municipalidades do reino, deriva principalmente do facto de ser condecorada com a grã-cruz da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada, cuja insignia lhe orna o brazão e o estandarte, não querendo fallar nos seus antigos previlegios, isenções e humanidades, no facto de haver sido séde do governo do reino, na proeminencia que lhe decretou el-rei D. João IV na sua representação em côrtes, etc. Podem, pois, as camaras de Evora e Braga, disputar entre si o quarto logar entre os representantes municipaes do reino, o terceiro não, porque o terceiro pertence *de jure* á municipalidade angrense.

A cidade do Porto é egualmente condecorada com o collar da Torre e Espada.

Do monumento de D. Pedro IV, em cuja base se vêem os brazões das principaes cidades do reino, o de Lisboa está no centro da face principal, dando a direita ao de Angra do Heroismo e a esquerda ao do Porto.»

Rendas do arcebispo d'Evora.—E' do *Conimbricense* a seguinte noticia:

«Tão curiosa achamos a relação que temos presente, dos rendimentos do arcebispado d'Evora, em 1703,com as suas pitanças,que suppomos nos levarão a bem os leitores o darmos lhes conhecimento d'ella.

Alcacer, 1:668$000; Alcaçovas, 626$000; Apostolos,613$200; Arraiollos, 3:994$800; Aprestimo, 227$000; Aviz, 1:652$000; Beja, 4:938$000; Borba e Villa Viçosa,1:187$200; Campo de Ourique, 2:547$800; Mesejana, 50$000; Monsaraz, 1:200$000; Mertola, 244$960; Condado, 1:650$000; Coruche e Benavente,2:895$600; Foros da Mesa, 267$200; Mourão, 419$600; Montemór, 4:214$800 reis; Fronteira, 1:892$800; Portel, 557$200; Monforte, 686$000; Vimieiro, 1:075$580; Moura e Serpa, 2:074$600; Santo Antão; 3:600$000; Terena, 645$200; Sines, 34$000; o celleiro da freguezia da Sé, 4:000$000; chancellaria,100$000; somma, 38:763$040 reis.

Deve-se notar que hoje aquella, já por si avultada quantia,sem duvida se approximaria a 100:000$000 reis.»

Ainda a hydrophobia.—A proposito do assumpto que tanto temos debatido, parece-nos util tornar publica a ultima novidade sobre açamos, que nos depara um jornal de Paris. O apparelho é de arame, como qualquer outro, e prende atraz á colheita, onde existe de cada lado um parafuso que articula o açamo em duas metades—uma que corresponde á parte superior do focinho, a outra á maxilla inferior. De modo que o rafeiro póde comer, bocejar, ladrar e lamber á sua vontade; apenas não póde morder, porque na face anterior existe ainda uma disposição para evitar tal. Os donos e donas de *tótós* podem investigar e usar, se acharem proficuo.

A difinição do dinheiro.—Ha tempos um jornal de Londres offereceu um premio de 2 libras sterlinas á pessoa que apresentasse a difinição da palavra *dinheiro*. Tomaram parte n'este certamen mais de 6 mil competidores, obtendo o premio Henrique Baggs. A difinição que apresentou foi a seguinte:

«*Dinheiro*—Um artigo que pode usar-se como passaporte universal para ir a todas as partes menos ao céu, e como fornecedor geral de todas as coisas, á excepção da felicidade.»

As que seguem são outras difinições escolhidas das que recebeu a redacção do jornal.

«*Dinheiro*—Um idolo que se venera em todo o mundo, sem que tenha um só templo dedicado ao seu culto, e que é adorado por todas as classes sociaes,sem que exista um só hypocrita.»

«*Dinheiro*—A commodidade que está sempre em moda, de geração em geração.»

«*Dinheiro*—Para o pae, independencia; para a mãe a satisfação; para o filho, motivo de prodigalidades; para a filha, motivo de adoradores.»

«*Dinheiro*—O Deus do avarento,o joguete do risio, a joia da classe media e a inveja do pobre.»

«*Dinheiro*—Um hospede desejado cuja chegada é sempre *andantino*, a sua demora *staccato*, e a sua partida *prestissimo*.»

«*Dinheiro*—O vapor na immensa machina da vida.»

«*Dinheiro*—O dinheiro, como para os religiosos a fé, é a melhor consolação da vida: mas o seu valor não é devidamente apreciado senão por aquelles que o possuiram e depois cahiram na miseria.»

Despachos de justiça—Verificaram-se os seguintes:

Francisco Neves Tojo, exonerado de 2.° substituto de juiz de paz de Castro Laboreiro, em Melgaço.

Manuel José Rodrigues, nomeado juiz de paz de Castro Laboreiro.

Benjamin Maria Barreiros Arrobas, sub-delegado de saude do municipio de Lisboa, licença de 30 dias.

PELO ESTRANGEIRO

Os ocios do imperador da Allemanha.—Um jornal francez diz que Guilherme II passa o tempo a bordo do *yacht* em que actualmente viaja, do seguinte modo: Em primeiro logar dedica-se ao estudo de novos modêlos de navios de guerra; depois desenha a crayon algumas paisagens maritimas, e por vezes deixa o crayon pela paleta e os pinceis. Quando lhe apraz, escreve em companhia do conde Eulenburg versos mais ou menos bellos, segundo a inspiração do momento. Finalmente, á noute transforma se em director de theatro, tendo escolhido, entre a tripulação, trinta homens, aos quaes faz dar lições de declamação. O proprio imperador e a côrte que o segue tomam parte n'estes espectaculos.

O Vesuvio em erupção.—Continua a erupção do Vesuvio, alarmando as populações das cercanias do grande vulcão. A erupção começou no dia 3 do corrente. No dia 5, tendo o vulcão entrado n'um periodo de calma relativa, o correspondente do *Figaro* em Napoles, apesar do calor intoleravel da cratera eruptiva, pôde approximar-se do Vesuvio. Estavam visiveis tres boccas de erupção, todas collocadas no mesmo alinhamento. A primeira pouco afastada da cratera central, a segunda a cerca de 100 metros mais abaixo e a terceira junto do grande cone. A lava só correu da bocca inferior, cobrindo, em pouco tempo, uma superficie de 300 metros de extensão por 60 de largura. O chão está juncado de enormes blocos de rochas vomitados pelo vulcão, no momento da formação da abertura. Alguns d'estes blocos teem um volume de oito a dez metros cubicos. O solo está muito quente e continuamente agitado pelos tremores convulsivos, que correspondem a detonações surdas vindas do alto da montanha. O correspondente do *Figaro* conta que foi obrigado a abandonar o seu posto de observação por causa do calor intensissimo que fazia. Pouco depois a lava, brotando da cratera, inundava o logar onde o jornalista estivera. A alguns metros de distancia estava o engenheiro do caminho de ferro funicular do Vesuvio que deu as seguintes informações ao correspondente do *Figaro*:

— As coisas passaram-se exactamente como eu as tenho descripto nos meus boletins enviados á casa Coock. O primeiro signal de alarme foi dado na noite de 9 á meia noite e meia hora. Os dois guardas da estação superior do funicular notaram que as paredes do seu quarto abriam fendas, occasionadas pelos movimentos do solo. Durante a noite, ao redor do cone central, sentiram-se muitos tremores de terra. As boccas de erupção foram-se abrindo successivamente. São quatro e todas quatro se encontram na mesma linha, desligada da cratera central e dirigida na direcção do Observatorio.

De manhã, quando chegaram os viajantes do Coock, quiz fazer a ascenção habitual. Começámos a subir, mas antes de chegar á estação superior, abriu-se uma outra bocca enorme no vulcão, vomitando lava e fumo em extraordinaria abundancia Os meus *touristes* retrocederam precipitadamente cheios de terror. Sob os nossos pés o solo oscillava e deitava fumo. Descemos á pressa. A lava inundou uma superficie de 600 metros quadrados. No dia seguinte, ás 11 horas e 25 minutos da manhã, abriam-se duas novas boccas no vulcão. A lava, despenhando-se d'ellas, inundou a parte sul da collina *del Salvatore*, com uma rapidez extraordinaria. A's 4 horas da tarde o vice-brigadeiro dos carabineiros de serviço na estação inferior do funicular telephonou para Napoles, dizendo que a casa do guarda campestre fôra destruida pela torrente de fogo, e que em breve a lava inundaria as estradas proximas. Effectivamente succedeu isso ás 5 horas da tarde. A distancia respeitosa viam-se muitos curiosos assistindo áquelle espectaculo imponente e desolador. Os habitantes das visinhanças do Vesuvio estão muito alarmados, receando que os seus campos e as suas casas sejam devastados pelas torrentes de fogo que o vulcão vomita. N'estas ultimas noites ninguem se tem deitado n'aquellas aldeias, esperando uma catastrophe maior. Teem-se feito preces e procissões para pedir a Deus que termine a erupção. A' noite o espectaculo que offerece o Vesuvio, visto de Napoles, dizem que é surprehendente. A actual erupção é muito mais violenta que a de 1891. A actividade febril da grande cratera central, assim como a multiplicação das boccas de erupção, são indicios d'uma colossal e terrivel agitação interior. O Vesuvio reserva-nos por certo grandes e lamentaveis surprezas.

O commercio do café no Brazil.—Segundo refere um jornal, de 30 de junho de 1894 a 31 de maio de 1895, o Brazil exportou para a Europa e America 6.361:000 saccas de café, representando um valor de 25.000:000 libras sterlinas. A colheita do café n'este anno foi, apesar do que se affirmára, excellente em qualidade e quantidade. Deve render para cima de 180.000:000$000, fortes.

Motins em Zamora.—Em Zamora houve ultimamente varios disturbios por causa da alta do pão. Homens e mulheres, formando grupos, percorrem as ruas clamando contra os direitos de consumo. Uma força da guarda civil, para dispersar os amotinados, fez fogo para o ar, indo uma das balas matar um soldado de cavallaria que se achava a uma janella. A multidão retrocedeu diante do fogo, mas depois acommetteu de novo a força publica ás pedradas, ficando feridos alguns soldados. Houve então cargas de cavallaria, que pôz em debandada os grupos. Parece agora que o conflicto está conjurado.

Gatunos parisienses.—Progredindo sempre, sempre aperfeiçoando-se no seu por vezes arriscado mister, a gatunagem franceza descobriu novo meio de *dévaliser* os incautos, escolhidos nem mais nem menos do que entre os proprios guardas da policia. O processo consiste no seguinte: O espertalhão chega-se ao pé do *gardien* e abruptamente trata o pelo numero, falla-lhe em meia duzia de nomes de superiores, dá-se como agente da policia secreta e feito o conhecimento dá-lhe braço e no primeiro alambique bebem o seu *demi sétier*. Feito o conhecimento o resto é facil. Dizem os jornaes que temos á vista que os *gendarmes* cahem como pategos.

O descobrimento da imprensa.—Um archeologo da Roumania, fundando-se em um achado feito no castello romano de Verso via, consistindo em documentos de certa importancia, affirma que foram os antigos romanos os inventores da imprensa. Das investigações a que o referido archeologo procedeu, parece resultar que a quarta legião romana *Flavia Felix*, que occupava a provincia de Dacia Ripensis, «praticava a typographia com typos moveis.»

A ser verdade, eis um descobrimento que não deixa de ter importancia, apesar de Larousse ter já emittido a opinião, no seu grande diccionario, de que os antigos conheciam os principios da impressão.

O tabaco—N'um templo de Londres.—Em Londres vae introduzir-se uma singular innovação. O sacerdote d'um dos templos protestantes do bairro popular de Witechapel annunciou que, a partir de domingo, os fieis poderão fumar durante os officios divinos.

Um jornal de Londres indica que assim se faz, decerto porque o vicio do tabaco é, nos habitantes d'esse bairro, maior que o seu zelo religioso. Mas, será, sem duvida, curioso esse espectaculo de fieis, juntando ao acto de devoção o bom prazer do cigarro ou do cachimbo!

O regimen vegetalista.—Durante os ultimos annos tem augmentado consideravelmente em Berlim o numero de restaurantes vegetalistas,frequentados por uma clientela numerosa e fiel. O que dá mais nas vistas n'estes estabelecimentos é a falta de facas e garfos. Tudo o que se serve deve ser absorvido por meio de uma colher. Verdade é que a carne não entra nos pratos que se servem.

Outro facto, não menos singular,é que as comidas hão-de ser servidas frias ou mornas, mas nunca quentes, pois o vegetalismo não admitte isso.

O vinho, apesar de ser extrahido da uva, é raro apparecer em qualquer mesa. Em troca, os adoradores do vegetal tomam de quando em quando uma taça de leite por cima das couves, do arroz ou da sopa de aveia.

Para se supportar o regimen vegetalista é preciso em todos os casos ter um estomago robusto e saude vigorosa.

Os tribunaes do amor.—Estes interessantes tribunaes existiram em França, entre os seculos XII e XIV. Eram compostos de damas illustres pelo seu nascimento e saber; e a sua jurisdição estendia-se a todas as questões de galanteria e contestação de amor, sendo chamadas, por exemplo—(o amor póde existir entre casados?) quer sobre casos particulares que os amantes lhe submettiam. Em uma obra intitulada *De arte amatoria et reprobatione amoris*. André, capellão da côrte de França em 1170, cita os tribunaes de amor das senhoras da Gasconha, da Ermingarda, Viscondessa de Narbonne (1114-1194), da rainha Leonor,das condessas de Champagne e de Flandres. Quasi todas as sentenças dos *tribunaes de amor* tinham *considerandos* fundados sobre as regras d'um codigo de amor do seculo XII, composto de trinta e um artigos, entre os quaes citaremos os seguintes:

— A allegação de casamento não é exclusa legitima contra o casamento.

— Quem não sabe ceder, não sabe amar.

— Ninguem póde entregar se a dois amores.

— O amor é sempre susceptivel d'augmentar ou diminuir.

—Não tem sabor o que um amante toma á força a outro.

— Ninguem póde ser amante se não alimenta a esperança de ser amado.

— Não se deve amar aquella com quem se teria pejo de casar.

— O amor verdadeiro só apetece caricias diante d'aquella a quem ama.

— O amor divulgado raras vezes é duravel.

— O exito demasiado facilitaria bem depressa todo o encanto ao amor; os obstaculos encarecem-n'os.

— Todo aquelle que ama, empallidece em frente d'aquella que ama.

— O amor que se extingue cae rapidamente e poucas vezes se reanima.

— Da suspeita e do ciume que de elle deriva, augmenta a affeição.

— O habito excessivo dos prazeres impede o nascimento do amor.

— Nada impede que uma mulher seja amada por dois homens, e um homem por duas mulheres.

Varias noticias.—Segundo um costume secular, no dia 13 d'este mez os habitantes do cantão francez de Aramito, nos Pyreneus, pagaram com o ceremonial do costume o tributo de tres vitellas brancas aos hespanhoes do valle do Roncal, para poderem apascentar os seus gados n'aquelle territorio.

— Em Londres verificou-se o leilão de diversos objectos que pertenceram ao celebre almirante inglez Nelson, o vencedor de Abukir e Trafalgar. Os objectos consistiam em caixas de ouro para rapé, punhos e copos de espadas, medalhas, etc. O governo inglez comprou por 2:500 libras sterlinas as condecorações que Nelson tinha ao peito no momento em que foi morto na batalha de Trafalgar.

— No dia 12 deu-se no canal de Kiel uma collisão entre um vapor francez e um navio á véla. Este ultimo foi a pique e o vapor poude continuar a sua viagem para Kiel.

— Presidido pelo cardeal Lecot, celebrou-se, em Bordeos, um congresso sacerdotal para tratar de assumptos relativos ao canto gregoriano. Os oradores reforçaram as suas theses com a execução de diversos excertos de musica religiosa. Assim, poude ouvir-se, por tres vozes eguaes, o *Kyrie* de uma missa solemne, um *Homo quidam* que produziu grande impressão e o *Dixit Dominus*, em que se notaram grandes defeitos de accentuação. O objectivo d'este congresso é substituir todos os cantos parochiaes que actualmente se executam nas ceremonias religiosas por o canto gregoriano. Como prega com o exemplo, na sessão de encerramento, cantou-se o *Sanctus*, de Gounod, *O fins pietatis*, de Haydn, *Ego mater*, de Neukomme, e *Tantun ergo*, de Cherubini.

— Bem certo que ninguem é propheta na sua terra. Na ultima exposição de Madrid, figurou um baixo relevo de D. Agostinho Querol, representando S. Francisco curando os leprosos. Esta obra passou obscuramente e nenhum premio obteve. Pois agora, na Exposição Industrial de Bellas Artes de Munich, foi premiada com a grande medalha de ouro.

— Repetidas vezes se tem dito que o dom de julgar e de comprehendes não é habitualmente o apanagio dos homens de genio. Lecomte de Lisle póde ser apontado como um exemplo. Em um dos seus ultimos numeros, a *Revue des Deux Mondes* publicou algumas sentenças do notavel poeta, relativas a contemporaneos e emulos e encontradas em seus papeis. Poder-se-ha ver que, pela profundeza do pensamento, não differem muito sensivelmente das *notas* que um conscienciosso professor de rhetorica poderia applicar aos themas de seus discipulos. Lecomte de Lisle aprecia Victor Hugo e a sua apreciação, se não é nova, apparece como uma das mais justas que formula. Para elle, o grande auctor dos *Miseraveis* é o maior poeta lyrico conhecido. Excessivo em tudo, pueril e sublime. inexgotavel em imagens explendidas e incoherentes, maravilhoso sonhador, com extraordinarias lacunas intellectuaes.

Em seguida, Lamartine imaginação abundante, intelligencia dotada de mil desejos ambiciosos e nobres, mais que aptidões reaes.

A Alfredo de Musset, considera-o poeta mediocre, artista nullo, prosador muito espirituoso.

Na serie, Baudelaire, Vigny e Th. Gautier são os melhores tratados. O ultimo é mesmo objecto de uma menção honrosa e classificado como excellente poeta e excellente escriptor, muito injustamente esquecido. O elogio é lisongeiro e as apreciações são regularmente justas. Mas, quando se tem o nome de Lecomte de Lisle, causa pezar ver que se não haja encontrado para a litteratura do seculo XIX mais que esse pallido boletim de distribuição de premios.

— Um correspondente d'um jornal inglez diz ter presenciado uma lucta curiosa entre uma gallinha e uma ratazana. Esta, approveitando-se da tranquillidade da capoeira, sahiu do seu buraco e avançou para o meio do largo. Uma gallinha ordinaria, acompanhada por um rancho de pintos, viu-a; temendo sem duvida um attentado aos dias da sua progenitura, correu para o quadrupede. Este ficou ao principio tranquillo, e não se mexeu do logar onde estava. A gallinha não se desconcertou, atacou-o, saltando sobre elle á bicada; a ratazana resistiu, e por sua vez saltou-lhe para o dorso, tentando segural-a pelo pescoço, mas enganou-se no plano, perturbado pelo ruido das azas e pela rapidez dos movimentos da bellicosa gallinha. Esta continuou a girar em volta d'elle, dando-lhe bicadas em todo o corpo, se bem, que depois de quinze ou vinte bicadas a ratazana estava morta. Abandonando-a sobre os tijollos, juntou-se então ao rancho dos pintos e retirou-se, com grandes gritos do triumpho. E na verdade tinha razão para isso. Sabia-se que o gallo de combate matava as ratazanas; mas até hoje, a gallinha ordinaria não tinha, que saibamos, adquirido semelhantes louros.

— Os cabelleireiros de Bruxellas, reunidos em assembleia geral, votaram a creação de uma escola, destinada a levantar a arte do cabelleireiro por meio de cursos racionaes, exames e diplomas. Esta resolução demonstra que o cabelleireiro bruxeliense trabalha para dar lustre ao seu officio.

— O negro branco, conta o sr. Reichenbach, o explorador do Alto Congo, não é uma coisa tão extraordinaria como se pensa. De 1883 a 1886, havia em Libreville um tal Makaya, por alcunha *O principe da montanha*, perfeitamente negro e casado com uma negra do mais bello ebano. Makaya teve d'esta negra seis filhos: tres d'entre elles eram negros brancos. No Bokoné e no Como, o sr. Reichenbach encontrou tambem muitos Pahouins absolutamente brancos e uma formosa negra branca em Adiekoulou, em Assinia. Os casos de albinismo entre os negros, se são raros, não constituem comtudo verdadeiras anomalias.

SECÇÃO HISTORICA

A TOMADA DA BASTILHA

14 DE JULHO

Ha cento e seis annos que o povo de Paris iniciou, pela tomada da Bastilha, a forte prisão de estado considerada inexpugnavel, a grandiosa Revolução Franceza que nivelou os direitos e deveres dos nobres e plebeus,que rasourou no mesmo plano do cutello a cabeça dos reis e a cabeça nua dos filhos do povo, e que transformou o ser politico e social das nações da Europa, fundando n'essas nações a sacrosanta e immorredoura Liberdade.

Mas a tomada da Bastilha fôra uma advertencia a Luiz XVI e á sua côrte, advertencia que produzia effeitos contrarios. A realeza e a côrte, assombradas por aquella sacrilega ousadia popular, de erguer a mão contra a fortaleza, que era o symbolo do poder absoluto, sómente pensavam na fórma de esmagar a hydra da revolução para submetter novamente o povo ao jugo que elle despedaçára n'um impeto de exaspero e indignação. O povo, porém, conhecera e experimentára a sua força, mas, sempre bondoso e confiante, julgou que o exemplo que déra seria sufficiente para os governantes sanarem os males que açoutavam a França. Mal empregada confiança, que em breve devia ter o mais negro desengano. Entretanto que confiava e esperava, o povo, em Paris, chegara ao limite dos soffrimentos. Morria litteralmente de fome. Todos os dias, do fundo dos escuros bairros sitiados pela inquietação e habitados pela pallidez, viam se sair por grupos, desde as quatro horas da manhã, homens, mulheres, crianças, velhos, que todos a grandes gritos imploravam com que poderem viver. Um pão comprado, conquistado, era uma victoria. E que pão! Uma massa cuja côr enegrecida, o sabor terroso, o cheiro fetido annunciavam farinhas viciadas com misturas homicidas. Quem dirá o desespero d'uma mãe, quando sobre os joelhos lhe repousa immobil a cabeça de seu filho morto pela fome! Todavia o povo, n'aquelles dias de horrivel penar, dirigia a sua esperança para o rei,sim, para o rei, que entretanto fabricava fechaduras, banqueteava-se, caçava, e adormecia no conselho de ministros!

Commovedora e sublime confiança! diz o historiador que nos fornece estes pormenores. A'quelle povo, oprimido por tantos males, parecia-lhe impossivel que o chefe do estado não fosse o pae dos infelizes! O soffrimento é fecundo em visões, e as visões nem sempre enganam. Paris, vendo agglomeradas no seu seio numerosas tropas commandadas pelo marquez de Bouillé, que se recusára a prestar juramento á constituição e por isso tinha toda a confiança do rei e da côrte, e que se gabava de estar presto para a guerra civil; Paris julgou-se envolvida por mysteriosos inimigos. As mulheres, mais promptas ordinariamente, quer ao medo, quer á coragem, foram as primeiras a excitar os maridos e os filhos, ralhando-lhes. Espiritos obtusos, corações pusillanimes, porque esperavam? Diante d'elles estava uma caverna sombria: porque não entravam resolutamente n'esse antro para o sondar, um chuço n'uma das mãos e um archote na outra? E a estas exhortações violentas, a sua colera misturava injuriosamente o nome da rainha. Pois que sobre Maria Antonietta accumulára-se pelo crime dos cortezãos, todo o odio que inspiravam as suas conspirações. Além d'isso, ella mesma, voluntariamente e com andacia, corria então ao encontro das inimizades. Depois da convocação dos estados geraes,desde a tomada da Bastilha principalmente, empallidecera-lhe o rosto,a fronte tornara-se-lhe pensativa, e a amargura de seu sorriso, a tristeza altaneira do seu olhar, atraiçoaram-lhe mais de uma vez os segredos da alma. Maria Antonietta occupava-se dos negocios publicos, levando-lhes o ardor d'uma mulher e os furores de uma rainha ultrajada; ausente ou presente, pesava sobre as deliberações dos ministros; Luiz XVI passava a resistir-lhe debilmente e a ceder-lhe; Necker temia-a; e, vendo a tão resoluta, tão soberba, tão impetuosa, tão superior pela energia da vontade a um *monarcha-artifice*, a côrte grupára-se em volta d'ella: *a rainha era o rei.*

Durante os ultimos annos do reinado de Luiz XV e desde o advento de Luiz XVI, a miseria publica foi sempre crescendo. Nas cidades, um luxo insensato, que corrompera até as ultimas classes, occultava uma miseria atroz... Os atavios eram tirados aos alimentos... Nos campos—o coração confrange-se com tal recordação—perto das cidades, o camponio tinha todos os vicios que as cidades produzem, e, por cima, uma rapacidade incompativel com o amor do trabalho. Um pão negro, raizes, agua, fatos grosseiros, e algumas vezes simples pelles, barracas arruinadas, tal era, n'uma grande parte da França, a sorte de nossos desventurados irmãos...

Depois da sorte do camponio, a do soldado era a mais horrenda. Bastava ter visto o *pão de munição*, para não duvidar. Pela manhã, um pouco d'agua quente lançada sobre alguns legumes; á tarde, um pequenissimo bocado da peior carne, formavam a substencia de trezentos mil francezes.

Todos estes males tinham apenas uma causa: a prodigalidade d'uma côrte crapulosa em que as Messalinas e as Julias disputavam aos Claudios e aos Neros o preço da infamia, em que cada goso custava o descanço d'um milhão de homens, em que o ouro era produzido pelo crime e o crime reproduzido pelo ouro, em que a nação franceza era menos apreciada que um cavallo de corridas, que uma complacente..... Lêde o *Livre rouge!*

SECÇÃO AGRICOLA

CALDO BORDELEZ

Temos recebido varias perguntas sobre o modo de preparar o *caldo bordelez*. Nas primeiras applicações bastam 3 kilos de sulfato de cobre por 100 d'agua: mais tarde, quando a vinha está muito enramada, de julho em diante pode-se ir até 5 kilos de sulfato de cobre em 100 litros d'agua. A quantidade de cal deve ser um pouco mais de metade do peso do sulfato de cobre, e ha viticultores que empregam e recommendam pesos eguaes.

Dissolve-se a sulfato de cobre em aiguns litros d'agua e faz-se á parte um leite de cal, com toda que se quer juntar a solução cuprica; em seguida mistura-se o leite de cal sobre a solução cuprica, a pouco e pouco, e feita esta mistura bem intima accrescenta-se a agua até fazer a quantidade de litros que se deseja.

O *caldo bordelez* é um formidavel excitante da vegetação; ha quem o empregue só para este fim, sem necessidade de atalhar o *mildiu*. Variam muito as formulas do *caldo bordelez*, mas as precentageus que indicamos são as que na pratica dão melhores resultados. Tambem se têem indicado varias composições com o fim de destruir o *mildiu* e o *oidium*. Ultimamente tem-se fallado muito em juntar ao *caldo bordelez* o *sulfureto de potassio* na dose de 100 grammas para 100 litros de caldo. Ignoramos os resultados, que se tenham obtido, mas, como para o tratamento do *oidium* é preciso que haja o desenvolvimento sulfuroso e nós estamos informados que aquelle sal junto ao *caldo* dá um cheiro sulfuroso, nauseabundo, é possivel que se possa tirar o effeito desejado.

Muito desejaremos ter conhecimento d'alguma experiencia que algum dos nossos leitores fizer.

A escolha das castas.—A natureza não fórnece naturalmente abundancia e boa qualidade. Os viticultores portuguezes têem abusado bastante da cultura de castas grosseiras, despresando as antigas cepas que fizeram a fama de muitos vinhos distinctos que cá se produziam. Notaremos, para exemplo, a *Baga* da região da Bairrada, a *Tinta miuda* da Região de Torres, e ainda outras que abastardaram os vinhos para os tornarem adaptaveis a uma ou outra exigencia do lote. Ora, como a enxertia em nada altera a qualidade dos sucos do cacho do garfo, parece-nos preciso que os lavradores tratem de cultivar as boas castas e só estas.

Em França, apesar de não haver as mesmas versões que entre nós, levanta-se a mesma questão e dão-se eguaes conselhos aos que aqui temos exposto: adoptar as castas finas e despresar as castas grosseiras. Para escolher estas castas finas devem dar indicações os velhos das localidades, porque as castas antigas são as melhores e ha provavel certeza de serem adaptaveis. Para o nosso paiz têem vindo muitas castas francezas das mais productivas; é um erro propagal-as: são, em geral, mais inferiores do que as nossas castas grosseiras e produzirão, por isso, um vinho mais inferior do que o colhido dos nossos typos grosseiros. Sabemos que não é economico propagar cepas pouco productoras, aneiras, que desavinham sempre, etc., por isso recommendamos que haja todo o criterio nas plantações. E' este um serviço muito importante e que nós muito recommendamos. As escolas viticolas devem fazer experiencias com as boas castas e as mais productoras, lotando-as em varias proporções e darem aos viticultores resultados praticos para que os lavradores plantem em proporções vantajosas. Estamos convencidos de que este trabalho será o mais importante que estes estabelecimentos podem desempenhar. A enologia está bastante atrasada no nosso paiz. Tudo o que se fizer para a melhorar ha de ser fartamente aproveitado no futuro commercio vinicola. Mais adeante ha de vender melhor quem fizer bom vinho; as condições de producção da Europa e de alguns pontos da America estão-nos indicando esta necessaria transformação.

Depositos de vinhos.—Ha poucos annos, quando produziamos ainda vinho em quantidade sufficiente para effectuar uma larga exportação, alguns lavradores, mais conhecedores da vida economica dos povos, pediam a livre entrada de vinhos nobres do estrangeiro, para lotar com os nossos, para exportar. Sempre achámos muito judiciosas as rasões que se davam a favor d'esta opinião, sendo para nós a de maior força, affirmar-se que os nossos vinhos, assaz grosseiros, não bastavam, em qualidade, para abastecer um mercado, habituado a vinhos de paladar mais fino. Nada se fez; os francezes compravam-nos todo o vinho para o tratarem nos seus armazens; deixaram de cá vir e nós não estariamos em tão boas circumstancias como estamos, se a nossa antiga producção se mantivesse. Mas a Hespanha é que trata de se preparar; admitte, por lei, a introducção do vinho francez, n'um porto especial, e só n'um mez entrou quasi um milhão de hectolitros de vinho francez, para lotar e tratar com vinho hespanhol, do qual, no mesmo mez, fevereiro, se consumiram 9:000 pipas de vinho. Este vinho francez paga um direito estatistico á entrada de Hespanha e o vinho lotado, hespanhol, é que paga um imposto de exportação. Tal medida parece ter produzido muito bom resultado, pois as ultimas noticias dos varios mercados dão os vinhos hespanhoes mais bem reputados. No nosso paiz, se se tivesse feito o que se pedira, estamos certos de que se não teria perdido qualquer parcella de mercado conquistado: hoje, todos o sabem, estamos quasi só com o Brazil, e Deus sabe por que tempo, sendo nossos concorrentes os hespanhoes, que tantos progressos vão fazendo na preparação dos seus vinhos.

Conferencia.—O sr. P. Choffat, cidadão francez e conhecedor de assumptos geologicos, attendendo á influencia que os terrenos calcareos exercem sobre a cultura das cepas americanas, realisou sobre este assumpto uma conferencia, na séde da Real Associação de Agricultura, em Lisboa, á qual concorreram muitos socios.

Indicou maus resultados colhidos n'estes terrenos nos vinhedos de França, apreciou e classificou os nossos solos com excesso de cal e parece que não julga as nossas terras tão improprias para a cultura da vinha resistente como muitas das que ha em França. Realmente nós temos visto cepas americanas vegetarem regularmente em solos, cuja analyse indica mais de 20 p. c. de cal, mas o estado em que se encontra este calcareo, disse o illustre conferente, não é tão desvantajoso, como por exemplo, o de Champagne, onde nem uma das cepas conhecidas tem podido prosperar. Valha-nos isto: é uma grande vantagem.

F. D'ALMEIDA E BRITO.

SECÇÃO LITTERARIA

O LIZ E A SAUDADE

(*N'uns leques de tres jovens leirienses*)

(INEDITA)

I

Ha dias, pude vêr o teu retrato.
E, sendo verdadeiro o que elle diz,
deve ao teu coração ser muito grato,
que vás mirar-te no teu brando *Liz*.

Se o *Liz* póde dizer-te, que és formosa,
eu, apezar de não te conhecer,
posso dizer-te: «Joven, sê ditosa,
Não saibas, como eu sei, o que é soffrer!»

II

Nunca te vi! Sei, que o teu rosto é bello;
meigas, as fallas; terno, o coração.
E ao vêr o teu retrato, um puro anhelo
tive, de em ti buscar a inspiração.

Mas, se já me fugira a mocidade,
posso inspirações ter?!—Sempre infeliz,
só régo com meus prantos a *Saudade*
para que ella vicejo ao pé do *Liz!*

III

Eu vejo aqui um termo *bem dourado*,
termo, que sempre amei:=Recordação.=
—O que elle significa, bem gravado
por ti sempre hei de ter no coração.—

Esta recordação é tão sincera,
como os desejos de te vêr feliz.
—Já me passou da vida a primavera.
E tu és flôr viçosa *ao pé do Liz.*—

RANGEL DE QUADROS.

CARTA DE LISBOA

19 DE JULHO DE 1895.

A questão mais importante do momento é a que poz em pleno conflicto com a moralidade o sr. Ferreira d'Almeida. Este ministro, depois das accusações que a imprensa lhe tem feito, não pode continuar no poder. Folgam com isso os collegas, que se apressam a procurar-lhe successor. Quem diria ainda ha pouco que o homem que se arrogava direitos de suprema moralidade, havia de praticar o acto que praticou, enlodaçando-se por forma que tarde se levantará, se poder ainda levantar-se. Em que triste posição se collocou o homem que ainda ha pouco maldizia toda a gente! E agora por terra! Triste humanidade!

As noticias que se recebem dos pontos onde já chegou o camartelo demolidor, deixam prever que a resistencia e a lucta será a consequencia dos actos do governo. O que elle fez já é apenas o principio da sua obra demolidora. As comarcas e concelhos ameaçados são muitos. A relação d'elles pude havel-a da respectiva secretaria, e ahi vae como m'a transmittiram.

Vae por districtos.

Aveiro—Concelhos, de Ilhavo, Sever de Vouga, Mealhada, Oliveira do Bairro, Macieira de Cambra, Vagos e Castello de Paiva. Supprimem-se as comarcas de Vagos e Castello de Paiva.

Braga—Terras do Bouro.

Bragança—Alfandega da Fé, Vimioso e Freixo d'Espada á Cinta.

Beja—Almodovar, Barrancos, Castro Verde, Vidigueira, Ferreira do Alemtejo, Aljustrel e Alvito.

Coimbra—Mira, Penella, Poiares, Miranda do Corvo, Goes e Pampilhosa da Serra. São supprimidas as comarcas de Pampilhosa e Penella.

Castello Branco—Belmonte, Oleiros, S. Vicente da Beira, Proença a Nova, Villa de Rei e Villa Velha de Rhodam.

Faro—Villa Real de Santo Antonio, Villa do Bispo, Lagoa e Monchique. São supprimidas as comarcas de Monchique e Albufeira.

Porto—Gondomar, Maia, Bouças, Vallongo, Paços de Ferreira. E' supprimida a comarca de Paços de Ferreira.

Portalegre — Arronches, Gavião, Crato, Alter, Campo Maior, Souzel, Ponte do Sôr, Castello de Vide, Marvão e Fronteira. São supprimidas as comarcas de Souzel, Ponte de Sôr, Gavião e Fronteira.

Lisboa—Seixal, Arruda, Sobral de Mont'Agraço, Cezimbra, Alcochete, Barreiro e Oeiras. E' supprimida a comarca de Cezimbra.

Santarem—Almeirim, Constancia, Mação, Coruche, Salvaterra, Barquinha e Ferreira. São supprimidas as comarcas de Rio Maior, Coruche e Mação.

Villa Real—Sabrosa, Santa Martha, Ribeira de Pena, Mondim de Bastos, Murça.

Vizeu — Mortagua, S. João d'Areias, Carregal, Nellas, Penedono, Mondim, Fragoas, Tarrouca, Penalva e Sernancelhe.

Leiria—Peniche, Pedrogão Grande, Alvaiazere e Batalha. Acaba a comarca de Pedrogão.

Isto é positivo. Os que soffrem garrote são os que ficam indicados.

— O sr. conselheiro Bernardino Machado, que ha tempo pedira a demissão de lente da Universidade de Coimbra, insta pelo deferimento do seu pedido, por lhe não ser possivel reger a cadeira, a que o seu talento e a sua illustração dariam por certo muito brilho. E' que o illustre professor não quer, como outros que muito bem conhecemos, auferir o estipendio de empregos que não exerce. E' muito para sentir que o exemplo do honrado homem publico não seja seguido por todos os que estão no mesmo caso.

— As ex.mas sr.as D. Julia e D. Henriqueta de Castro partiram já para a sua casa d'Anadia. Suas ex.as tiveram ua estação muitas das pessoas das suas relações a despedir-se. O sr. conselheiro José Luciano de Castro e sua ex.ma esposa partem tambem breve para alli.

—Verificou-se aqui o casamento da ex.ma sr.a D. Maria Eugenia de Castro, illustrada filha dos srs. condes de Castro, com o distincto engenheiro sr. dr. Fernando Burbon Côrte Real. O enlace realisou-se na capella do sr. Patriarcha, em S. Vicente, assistindo apenas os parentes dos noivos. Foram madrinhas as srs.as condessas de Castro e de Paço d'Arcos, e padrinhos os irmãos do noivo, srs. Luiz e Jacintho Côrte Real. A interessante noiva, que é uma senhora elegantissima, coração rico de gentileza e de bondade, penhor da mais completa felicidade conjugal, trajava de branco. De volta da ceremonia religiosa vieram os convidados para casa dos srs. condes de Castro, onde se serviu um sumptuoso *lunch*. Assistiram a avó da noiva, madame de Chastaing, viscondessa de Proença Vieira, conselheiro Guerra Quaresma e esposa, André Proença Vieira e esposa, D. Maria Izabel Castro Monteiro e sua irmã D. Herminia, D. Anna do Valle Côrte Real, Antonio Joaquim Ribeiro e esposa, D. Henriqueta e D. Julia Seabra de Castro, D. Christina e D. Sophia Borges de Castro, D. Amelia de Proença Vieira, D. Maria do Carmo Mimoso Albuquerque, D. Maria Justina Peixoto e sua filha, condes de Paço d'Arcos e filhas, general Costa, capitão Luiz Côrte Real, Francisco Castro Monteiro e filhos, capitão Leopoldo Vianna e esposa, José da Costa Lima e esposa, Henrique Corrêa da Silva, Augusto de Carvalho e esposa, João Vieira, etc. Os noivos partiram no comboio da noite para Celorico da Beira, onde vão passar a lua de mel em casa da mãe do noivo. Velho amigo de tão honrada familia, aqui testemunho aos srs. Condes de Castro o meu desejo de que os illustre noivos tenham todas as venturas que merecem.

Os brindes offerecidos á ex.ma noiva foram:—Da sr.a condessa de Castro, uma guarnição de rendas de Bruxellas; do sr. conde de Castro, um collar de perolas; de D. Maria Izabel de Mello Napoles e Bourbon (mãe do noivo) um adereço de brilhantes; do noivo, um alfinete de brilhantes; do sr. José de Castro (irmão da noiva), um annel de brilhantes; da sr.a condessa de Paço d'Arcos, uma salva de prata lavrada antiga; de madame Leopoldo Mourão, um alfinete de oiro com folhas de trevo e perolas; das sr.as D. Henriqueta e D. Julia de Castro, uma meza de peluche, bordada, e com pés doirados; de D. Maria Thereza Canavarro, dois alfinetes de perolas; de D. Maria Ferreira Borges da Costa Lima, uma cadeia de oiro para relogio; de madame Davison Serodio e sua irmã, um annel de brilhantes e perolas; de D. Emilia de Proença Vieira Ferreira Borges, um livro de missa; de D. Cecilia de Vilhena Barbosa da Silva Ribeiro, um annel com uma saphira rodeada de brilhantes; de D. Maria Christina Borges de Castro, um annel antigo com uma esmeralda; de mademoiselle Kulmann, um annel antigo com rubi e perolas; de D. Maria Romana Batalhoz de Vilhena Barbosa, uma bandeja, garrafa e dois copos de crystal da Bohemia, doirado, estylo Luiz XIV; de Henrique Correia da Silva (Paço de Arcos), uma faca de sandalo para papel; de D. Izabel Correia da Silva, um barco (taboleiro) japonez; de D. Livia Maria da Cunha, uma escova com costas de prata, para fato; de D. Conceição Barata Pereira Coutinho, uma faca de madreperola e prata para papel; de Julio Vieira (tenente de artilheria), um leque com varetas de tartaruga e pennas de avestruz; de Antonio Joaquim da Silva Ribeiro, um antiquissimo prato de loiça do Japão; de D. Anna do Valle Côrte Real, um estojo completo de *toilette*; de D. Maria Luiza Vianna Ferreira Pinto, um prego de oiro para chapéu; de D. Josephina Furtado de Antas de Oliveira, um cabeção de rendas de Peniche; de D. Leocadia da Guerra Guaresma e sua filha D. Leocadia da Guerra Quaresma Proença Vieira, um estojo com colheres para neve de vermeil; de D. Palmyra de Proença Vieira Mexia Galvão de Carvalho, uma escova com costas de prata lavrada; de D. Maria Emilia Seabra de Castro, um leque com pintura, estylo Luiz XV, Signé Imbér; de madame Chastaing, um livro de missa; de Francisco de Castro Monteiro, um estojo com colheres de prata; de D. Antonia Bourbon Côrte Real, um estojo com duas argolas de prata para guardanapo; de D. Herminia de Castro Monteiro, um estojo com colheres de prata para café; de D. Izabel de Castro Monteiro, uma carteira para bilhetes, de tartaruga e marfim; de D. Sophia Borges de Castro, uma carteira para bilhetes, de madreperola; de D. Maria do Carmo Mimoso de Carvalho e Albuquerque e Antonio de Albuquerque, um serviço completo de colheres em vermeil para chá; do conde de Paço de Arcos, um serviço completo de loiça do Japão para chá; de D. Maria Izabel de Castro Monteiro, um estojo-mala de viagem; de D. Gertrudes de Proença Vieira, um estojo com carteira e porte-monnai de coiro da Russia; de D. Laura de Castro Monteiro, um estojo com uma colher em vermeil (estylo florentino); de D. Maria Herminia de Castro Monteiro, uma colher, idem, para neve; de D. Alda Peixoto, um cache-theiere bordado; de José Borges de Castro, um cesto de filigrana de prata; de D. Maria Helena Malheiro Dias, uma concha de crystal para flôres; de D. Jesuina Correia da Silva (Paço de Arcos), um passe-par-tout japonez de bronze.

Ao noivo foram offerecidos os seguintes brindes:—Da noiva, um alfinete com perolas e brilhantes; de Jacintho de Napoles Bourbon Côrte Real, um sinete de prata com o brazão de armas de familia; de Alvaro Mexia Salema, botões de oiro para punhos; do dr. Móra, uma faca de marfim para papel.

— Está dependente da resolusão do sr. ministro da fazenda, diz um jornal de Lisboa dos mais bem informados, a organisação de uma cooperativa para o fornecimento de generos alimenticios aos empregados do estado. A ideia é excellente; sempre assim o pensámos. Quanto ao *modus faciendi* algumas considerações poderiamos emittir desde já. Não o fazemos, por estar combinado entre a commissão promotora da cooperativa e o fornecedor sr. Correia, Saraiva um projecto de contracto, nas seguintes bases:

«1.ª Que o governo garante ao fornecedor, mensalmente, os debitos dos funccionarios que se aproveitem d'esta vantagem.

2.ª Que, por meio de deducção, sejam nos fins dos mez descontadas aos empregados as importancias dos generos fornecidos n'esse mez, importancias que serão entregues ao fornecedor até ao dia 4 do mez seguinte;

3.ª O fornecedor obriga-se a manter os preços indicados na tabella junta, pelo que respeita a generos estrangeiros, emquanto se mantiver a pauta actual;

4.ª O fornecedor obriga-se a satisfazer, se o governo assim o entender, ao empregado encarregado da feitura das contas mensaes de deducções por fornecimentos, a justa remuneração do excesso do trabalho prestado;

5.ª O fornecedor obriga-se a mandar pôr, gratuitamente, em casa dos freguezes, todos os generos que lhe forem fornecidos ao principio de cada mez;

6.ª O fornecedor só será obrigado a fornecer generos até á concorrencia da quantia pela qual cada empregado esteja abonado pela repartição respectiva;

7.ª O fornecedor obriga-se a satisfazer aos peritos competentes a importancia das analyses dos generos de cuja pureza haja desconfiança;

8.ª O fornecedor obriga-se,—por meio de sorteio entre as filhas menores dos funccionarios seus consumidores,—a offerecer annualmente, por cada mil freguezes funccionarios publicos, dez inscripções de assentamento do valor nominal de cem mil réis cada uma, que serão egualmente repartidas pelas dez menores sorteadas, e immediatamente averbadas em nome das referidas menores;

9.ª Esse sorteio será feito todos os annos pela ultima loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, no fim de cada anno economico, por meio de senhas numeradas que no principio de junho o fornecedor distribuirá pelos funccionarios seus consumidores que provem que teem filhas menores, competindo uma senha a cada menina que esteja nas referidas condições;

10.ª Para os effeitos do sorteio de que tratam os numeros antecedentes, consideram-se consumidores os funccionarios que comecem a fornecer-se do estabelecimento dentro dos tres mezes que se seguirem á publicação no *Diario do Governo* do respectivo contrato; não tendo direito ao sorteio dentro d'esse anno economico os funccionarios que vierem depois de findo esse praso;

11.ª Perderão tambem esse direito aquelles cujo consumo minimo mensal não sejam quatro mil réis;

12.ª O fornecedor não será obrigado a cumprir as clausulas do presente contrato, quando não seja observada a condição n.º 2;

13.ª O presente contrato tornar-se ha effectivo depois da sua publicação no *Diario do Governo*, continuando a vigorar nos annos economicos subsequentes;

14.ª Quando ao fornecedor não convenha a continuação dos fornecimentos de que trata o presente contrato, fal-o-ha constar ao governo e aos interessados com tres mezes de antecedencia, nunca podendo esses fornecimentos ser feitos por menos de um anno economico.»

O que facilmente resalta á vista é que a organisação da cooperativa poderá traduzir-se n'uma dupla vantagem para o funccionario publico: a de comprar mais barato, e melhor. Este é que é, principalmente, o ponto da questão. E crêmos que o sr. ministro da fazenda não deixará de prestar toda a attenção a um assumpto que interessa a uma numerosissima classe social. Mas tambem importa reconhecer se do *modus faciendi* se auferem todas as vantagens que é possivel auferir.

— Por despachos de hontem, foi transferida do correio d'Albergaria para a estação central do Porto, a sr.a D. Emilia Augusta dos Santos, que é aspirante.

— Por despacho de hoje, foi jubilado o sr. Bernardo d'Albuquerque com o ordenado de 1:166$665. O illustre cathedratico fica a viver em Coimbra.

— O cambio sobre Londres ficou hontem no Rio de Janeiro a 11 1/8.

— Verificaram se os seguintes despachos de justiça:

Ricardo Xavier de Carvalho e Liz Teixeira, juiz da relação de Lisboa, transferido, como requereu, para a relação dos Açores.

Dr. Alexandre Meyrelles de Tavora do Canto e Castro, juiz da relação dos Açores, transferido, como requereu, para a relação de Lisboa.

Antonio Teixeira de Sampaio, nomeado sub-delegado da comarca de Bragança.

Antonio Alves Junior, nomeado juiz de paz de Alcochete.

Raphael Antonio Rodrigues Joly, nomeado 2.º substituto do juiz de paz de Alcochete.

Antonio dos Reis Xavier Monteiro, exonerado, como requereu, de escrivão de paz do Fundão.

Francisco Nunes Agapito, nomeado para aquelle logar.

Y.

CARTA DE COIMBRA

18 DE JULHO DE 1895.

Bem diziamos nós que a discussão entre os articulistas do *Tribuno* e do *Districto* havia ter um final *tragico*... Não nos enganámos. No dia 16, proximo do meio dia, encontraram-se os dois *contendores* (um dos quaes veiu de Lisboa aqui, segundo dizem, propositadamente) proximo do largo Principe D. Carlos (elle agora já é rei) e ahi, quaes antigos guerreiros espartanos, feriram uma lucta tremenda, medonha!... O defensor do *Tribuno* venceu a lucta, mas deixou vivo o seu antagonista, soffrendo este apenas o desgosto de ver por terra o seu *capacete de bacharel formado!*... E' ridiculo o que se está passando entre os nossos jornalistas. Serão influencias externas, dimanadas do *poder central?!* Talvez.

— A camara d'esta cidade parece que deseja deixar bôas impressões do seu governo municipal. A' ultima hora lembrou-se de tratar a *sério* os negocios da hygiene alimenticia. Agora é o leite que lhe vae merecendo a sua attenção. Este genero aqui, que tem um consumo extraordinario, é quasi sempre de má qualidade e muitas vezes as leiteiras vendem-n'o deteriorado. Accresce a este mal o do mau habito que esta gente tem de beber o leite sem o ferver, o que é um grande perigo. Mas isto pouco importa; na terra da sciencia tudo é *scientifico*...

A camara, porém, quer ter a gloria de uma boa obra e lembrou-se officiar ao illustre presidente do *congresso de tuberculose*, pedindo o seu conselho sobre o modo mais pratico de se obstar a que o leite se venda adulterado. O sábio medico, respondendo, lembrou a creação d'um laboratorio de hygiene municipal, dirigido por um clinico competente, offerecendo-se para tratar da installação e habilitação do competente pessoal.

Vem a proposito dizer que, visto tratar-se da hygiene da alimentação, era d'um grande beneficio para o povo d'esta cidade—especialmente para os pobres que compram sempre os generos mais fracos—chamar-se muito a attenção para o peixe que se vende na praça de D. Pedro V, que é quasi sempre *ardido* e muitas vezes quasi podre, exhalando um cheiro pestilente. E note-se que as vendedeiras ainda insultam infamemente qualquer pessoa que se queixe quando deseja comprar. E para prova do que dizemos apresentamos dois exemplos verdadeiramente caracteristicos.

1.º Uma manhã fômos dar um passeio até áquelle sitio. Cá muito ao largo sentia-se um cheiro de animaes no mais adiantado estado de decomposição. Todas as pessoas o sentiam e todas apertavam o nariz. Approximando-nos do sitio onde estão as regateiras de peixe o cheiro mau augmentava. Em um dos taboleiros estava uma enorme corvina. Cheguei-me para vêr aquelle monstro. O mau cheiro, porém, que ella deitava, fez-me andar para a frente, apertando o nariz a toda a força. Na mesma occasião chegava uma senhora e disse para a creada: «Olha a causa do mau cheiro que acolá se sentia, e apontou para o acanthopterygio. A regateira descompol-a, e um policia, ouvindo, foi-se escapando para outra parte.

2.º Uma vez mandámos a creada á mesma praça comprar alguns kilos (1) de peixe para se mandar para fóra. Recommendou-se-lhe que o escolhesse bem fresco. Aquelle que a rapariga tinha escolhido pertencia a uma pescada que mandou pesar. Depois de pesada, principiou a examinal-a e cheirou-lhe as guelras. O cheiro não lhe agradou e disse que não a levava. A regateira péga n'um guarda-chuva que a rapariga tinha pousado, e disse-lhe, muito zangada que não lh'o dava, se ella não levasse a pescada. A pobre aldêa que não sabia nada dos costumes d'aqui, não se foi queixar ao guarda e pagou a pescada para resgatar o guarda-chuva!!!... Como estes, muitos outros exemplos poderiamos apresentar, mas fiquemos por aqui hoje.

— Fez hoje exame de mathematica, 1.ª parte, ficando approvado e concluindo assim o 3.º anno do actual curso dos lyceus, o sr. Manuel Matheus d'Almeida Seabra, um rapaz verdadeiramente estudioso e intelligente, extremoso filho do nosso bom amigo, sr. Antonio Seabra d'Almeida, honrado negociante e abastado proprietario de Mogofores. Muitos parabens a um e a outro.

— Chegou hoje o ex.mo e revd.mo sr. Bispo Conde. Sua ex.a chegou bem o que muito estimamos.

— Regressou a esta cidade o sr. dr. Pedro Ferrão, intelligente e activo commissario da policia civil.

— Esteve aqui o nosso amigo Manuel de Souza Lopes, d'essa cidade.

— Tivemos a amavel visita do nosso bom amigo sr. padre Antonio dos Santos Pato, bondoso parocho da Gesteira, Soure.

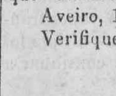
Reisête.

(1) O peixe aqui vende-se ao kilo e é carissimo, apesar de pôdre.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São de pouca importancia as noticias que recebemos da Europa.

Em Cuba a lucta continúa agitada. Martinez Campos não se sente bastante forte em presença d'ella.



CICLES «IMPERATOR» — Dugour & C.a, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

NOS autos de inventario orphanologico a que pelo cartorio do 2.º officio se procede por fallecimento de Luiza Rosa Calmôa, viuva de Manuel Rodrigues da Paula, moradora, que foi, em Aveiro, por deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados, vae á praça, pela 2.ª vez, no dia 28 do corrente mez, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, a fim de ser arrematado por quem mais offerecer o seguinte predio:

Uma morada de casas terreas, na rua de S. Roque, em Aveiro, no valor de 300$000 réis.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos.

Aveiro, 16 de julho de 1895.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Mello.

O escrivão,
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITES
EM
SANTAREM

AMILCAR VIRISSIMO, com casa de commissão d'azeites, na rua de S. Nicolau n.º 69, em Santarem, tem um grande deposito do genero, do mais especial, e de differentes procedencias. Fornece qualquer quantidade, não inferior a casco, pelos preços do mercado. Os srs. negociantes d'este genero, pódem dirigir-se-lhe pessoalmente, ou por carta, e a qualquer pedido satisfará promptamente.

CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO
R. MARTINS DE CARVALHO
43 — RUA DA SOPHIA — 45
Coimbra

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Corriceiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

ATTENÇÃO

ANTONIO Mendes Diniz Fragoso Belem, participa aos seus numerosos freguezes que chegaram ao seu estabelecimento os seguintes artigos:

Manteiga ingleza, 1.ª qualidade.
Chá Hyson, 1.ª qualidade.
Peixe sortido, em latas.
Champagne, cognac, genebra e vinhos do Porto da antiga e acreditada casa Ayres & Filhos.
Bacalhau Noruega.
Grande e variado sortido de amendôas e outros artigos adequados á presente epoca.

Preços sem competencia.
LARGO DA PRAÇA
CEIA

UNGUENTO SANTO
preparado na
Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTRO, SARNAS, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral
(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES E BELES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL
126, Rua Aurea, 128
LISBOA

MANTEIGA NACIONAL
FABRICA
EM
PRAIA D'ANCORA
EMPREZA
CANNAS AFFONSO & C.a

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Cannas Affonso & C.a
PRAIA D'ANCORA

GRANDE DEPOSITO
DE
SULPHATO DE COBRE E PULVERISADORES

J. D. Sereno & Filho, de Bustos, com deposito em Oliveira do Bairro, importaram directamente de Inglaterra e França, uma grande quantidade de barricas de sulphato de cobre de primeira qualidade, garantido, com 99 e 3/4 0/0 de sulphato puro, como do certificado de analyse; e pulverisadores—Excelcior—de Gobet—o que ha de melhor, mais seguro e mais perfeito, que vendem ao junto e para revender, a preços sem competencia.

Recebem encommendas directamente, que satisfazem de prompto para todo o paiz.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CARIMBOS DE BORRACHA

FAZEM-SE NITIDOS E PERFEITOS

PREÇOS MODICOS

ENCOMMENDAS para as provincias, satisfazem-se na volta do correio e para esta cidade com 5 horas de demora. Com esta brevidade, qualquer pessoa que tenha de vir ao Porto, ainda mesmo que tenha de voltar no proprio dia, pode levar comsigo qualquer carimbo que deseje. Encommendas da provincia não se executam sem prévio pagamento ou responsavel n'esta cidade. Não se mandam amostras sem que mandem 50 réis em sellos

FERREIRINHA & FILHO

130—Rua de Passos Manuel—132
Porto

CASA MEMORIA

ANTONIO JOSÈ ALVES

RUA DO VISCONDE DA LUZ

COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas MEMORIA para alfaiate, sapateiro e costureira.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas teem obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

Peças soltas para todas as machinas de costura e concertos das mesmas

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement*, *Diana* e outros auctores, as quaes se vendem a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmonicas e orchestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonius, flautas, flautins, tambores, etc., tudo mais barato do que em Lisboa e Porto.

Campanhias electricas, promptas a collocar.

Grandes sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Accessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto-porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Todos os pedidos podem ser feitos á nossa casa em Coimbra, onde serão satisfeitos immediatamente.

Completo sortimento em oculos e lunetas, a preços sem competencia, e concertam-se os mesmos.

Concertam-se machinas de costura de todos os auctores com perfeição, restituindo-se a importancia quando se justifique não fiquem boas.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

TOSSES — Constipações, Bronchites, Asthma, Coqueluche e outros padecimentos dos orgãos respiratorios.

Curam-se com os PEBUÇADOS MILAGROSOS (saccharolides d'alcatrão, compostos) do pharmaceutico Ferreira Mendes, do Porto, cuja efficacia tem sido comprovada por milhares de pessoas que tem feito uso d'elles e confirmada em attestados-medicos passados pelos seguintes ex.mos srs.:

Conselheiro J. J. Ferreira, Dr. Pereira Pimenta, Dr. Ricardo Jorge, Dr. Tito Malta, Dr. A. J. da Rocha, Dr. Ferreira da Cunha, Dr. Legal de Faria, Dr. Sousa Avides, Dr. A. F. Lizaso, Dr. Baptista Graça, de. Costa Rocha, Dr. Francisco da Silva, Dr. Julio Graça, Dr. Casimiro Coelho, Dr. A. de Barros, Dr. A. Mr J. Mattos, Dr. Rebello de Faria, Dr. J. Guedes, Dr. Henriqueira Pereira, Dr. J. d'Oliveira Gomes e Dr. Dorono; sendo todos concordes em affirmar que os «Rebuçados Milagrosos» são um optimo medicamento no tratamento d'aquelles padecimentos, e muito superiores nos seus promptos effeitos a qualquer outro preparado.

Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias do Reino, Ilhas e Possessões. Caixa, 200 réis, fóra do Porto, 220 réis. Acautele-se o publico das falsificações e das «sabias» amacacadas imitações.

Deposito em Aveiro: ARTHUR PAES, negociante.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382.—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cubebas e cubebas, ergotino 0/4—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphp, sphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOCIPINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

FERRO QUEVENNE — Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris. Cura Anemia, Pobreza do Sangue, Perdas, Dores de Estomago.—50 annos de successo. Exigir em cada frasco de Ferro Quevenne o sello da "UNION des FABRICANTS". 14, r. Bonaparte, Paris.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.